

Departamento de Sociologia

**Indústrias Culturais e Criativas como facilitadoras da Inclusão Social;  
Boas Práticas.**

Ana Maria Varela Semedo de Pina

Trabalho de Projeto submetido como requisito parcial para obtenção do grau de  
Mestre em Comunicação Cultura e Tecnologia da Informação

Orientador:

Professor Doutor Pedro e Vasconcelos Coito

Professor Auxiliar do ISCTE

Instituto Universitário de Lisboa

Setembro, 2014

## **Agradecimentos**

A construção deste Trabalho de Projeto iniciou-se com a vontade de compreender de forma mais profunda os processos que facilitam a inclusão social através da criatividade, da cultura e da arte. Na base desta intenção está uma motivação pessoal para criar um negócio, no setor cultural e criativo, com enfoque na inclusão social quer daqueles que o desenvolvem quer dos demais que dele beneficiarem, contribuindo assim, numa pequena parte, para uma nova perspetiva na economia social.

Ao longo da construção desta dissertação, tive eu própria de enfrentar diferentes desafios, desde a instabilidade profissional que decorre da retração económica e das medidas a que todos fomos sujeitos por consequência da crise, até diferentes estados de espírito e de motivação por consequência do esforço que fui levada a empreender para garantir a minha estabilidade financeira e de vida.

Em muito contribuíram para a minha motivação no decurso deste trabalho: o meu orientador Professor Doutor Pedro Vasconcelos a quem agradeço as palavras de ânimo e a capacidade de me focar nos aspetos essenciais deste trabalho, relembrando-me muitas vezes as motivações que me levaram à escolha deste tema; a minha família que ainda acredita na minha capacidade de concluir os projetos a que me proponho, apesar das adversidades; os meus amigos que me deram pistas e razões para não desistir, (alguns dos quais: Catarina Veríssimo, Susana Costa, Margarida Calado, João Dias, Ana Santos, Lúcia Dias); os meus colegas de Mestrado que me enviaram mensagens motivadoras fazendo-me acreditar que esta ‘maratona’ teria um final feliz, e finalmente o meu namorado, António Pires, por ajudar-me a refletir através das críticas construtivas, de debates e dos contraditórios que apresentou.

Consciente de que o trabalho apresentado poderia estar enriquecido com muitas outras valências e perspetivas. Humildemente proponho a exploração de um tema que me faz refletir, me desafia na busca de novas soluções e me inspira a criar.

Obrigada a todos!

## **Resumo**

O desenvolvimento de qualquer investigação pressupõe a existência de algo que nos inquieta e nos induz curiosidade e este trabalho não constitui uma exceção. Assim sendo, formulou-se como objetivo de investigação: observar a relação entre a cultura, a criatividade, e a arte e os fenómenos de inclusão social, tendo como base de estudo, as Indústrias Culturais e Criativas.

Para tal, foi utilizado uma metodologia qualitativa de natureza descritiva e exploratória, com aplicação de entrevistas semiestruturadas.

De acordo com os relatórios do Banco Mundial e da própria Comissão Europeia, as indústrias criativas estão entre os setores mais dinâmicos do comércio internacional. Apesar da crise, entre 2002 e 2008, as indústrias criativas continuaram sua expansão e tiveram uma taxa média de crescimento de 14%. O Banco mundial contabilizou em 2003 um PIB de 7% da responsabilidade das ICCs, com previsões de aumento na ordem dos 10% ao ano. A OCDE refere-se às ICCs como o setor que lidera o crescimento com taxas que variam entre 5 a 20% crescimento nos países da OCDE. No Reino Unido por exemplo as ICCs empregam 1, 3 milhões de pessoas. O mesmo relatório da OCDE indica que as ICCs são também uma oportunidade para países em vias de desenvolvimento embora nem todos estes países tenham reconhecido o seu potencial. Nos países em desenvolvimento onde a exclusão social tem uma relação forte com os índices de criminalidade e há pouca mão-de-obra qualificada, ampliar escolhas no setor cultural pode atrair jovens.

Procurando obter luz sobre o potencial das indústrias culturais e criativas como facilitadoras de processos de inclusão social, realizei o estudo de dois casos considerados referências na inclusão social, bem como entrevistas a entidades com experiências quer no campo social quer no campo cultural e criativo.

Palavras-Chave: *arte, cultura, criatividade, Indústrias Culturais e Criativas; Inclusão social.*

## **Abstract**

The development of any research presupposes the existence of something that disturbs us and induces us curiosity and this work is no exception. Thus was formulated as objective research: observe the relationship between culture, creativity, and art with the phenomena of social inclusion, based on the study, the Cultural and Creative Industries.

To this end, a qualitative methodology of descriptive and exploratory nature, with the application of semi-structured interviews was used.

According to reports from the World Bank and the European Commission itself, the creative industries are among the most dynamic sectors of international trade. Despite the crisis, between 2002 and 2008, the creative industries continued its expansion and had an average growth rate of 14%. The World Bank in 2003 recorded a GDP of 7% the responsibility of ICCs with predicted increase of about 10% per year. The OECD refers to ICCs as a leading sector with rates ranging from 5 to 20% growth in OECD countries. In the UK for example the ICCs employ 1, 3 million people. The same report from OECD indicates that ICCs are also an opportunity for developing countries, although not all of these countries have recognized their potential. In developing countries where social exclusion has a strong relationship with crime rates and there is little labor, skilled labor, expand choices in the cultural sector can attract young people.

Seeking some more understanding on the potential of cultural and creative industries as facilitators of social inclusion processes, I undertook the study of two cases considered references on social inclusion, as well as interviews with entities with experience both in the social field and in the cultural and creative field.

Key words: *art, culture, creativity, Cultural and Creative Industries; Inclusion.*

## Índice Geral

Agradecimentos.....	I
Resumo.....	II
Abstract .....	III
Índice Geral .....	IV
Abreviaturas e Siglas.....	V
INTRODUÇÃO .....	1
OBJETIVOS DESTE TRABALHO .....	2
I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO.....	4
1.1 Indústrias Culturais e Criativas, contextualização e evolução histórica.....	4
1.2 Situação atual no Mundo.....	6
1.3 A inclusão social, contextualização.....	7
1.4 A cultura e a arte como instrumentos de inclusão.....	9
II – ESTUDO EMPÍRICO .....	11
2.1 Opções metodológicas.....	11
2.2 Instrumento de recolha e tratamento de dados .....	12
III- ESTUDO DE DOIS CASOS .....	15
3.1 Objetivo geral.....	15
3.2 Objetivos específicos.....	15
3.3 Amostra e locais de estudo.....	15
3.4 Guião orientador das entrevistas .....	16
3.5 Caso Escolhas (inclusão jovens) .....	17
3.6 Caso Renovar a Mouraria/ AiMouraria.....	23
3.7 Matriz de sucesso dos casos observados .....	28
IV- BOAS PRÁTICAS PARA AS ICCS COM ENFOQUE NA INCLUSÃO SOCIAL.....	29
4.1 Considerações Gerais .....	29
4.1 Índice de Boas Práticas para as Indústrias Criativas com Enfoque na Inclusão Social.....	31
V- CONCLUSÕES .....	37
BIBLIOGRAFIA.....	39
ANEXOS.....	41

## **Abreviaturas e Siglas**

<b>ICSS</b>	<i>International Centre For Sport Security</i>
<b>CML</b>	<i>Camara municipal de Lisboa</i>
<b>PDCM</b>	<i>Programa de Desenvolvimento Comunitário da Mouraria</i>
<b>ICCs</b>	<i>Indústrias Culturais e Criativas</i>

## INTRODUÇÃO

O Programa para o Desenvolvimento das Nações Unidas aponta um crescimento exponencial do número de excluídos, explicado pela rutura operada em três dimensões fundamentais da vida em sociedade:

- 1) A dimensão económica que prevê a inserção e a participação social através do trabalho e da aquisição de recursos materiais;
- 2) A dimensão social que envolve a integração em grupos primários e na sociedade global através dos laços sociais e institucionais;
- 3) A dimensão simbólica definida pelas normas e valores comuns e pelas representações sociais que definem os lugares sociais e a cultura.

É também este o sistema que define o “fora da norma” deixando alguns indivíduos de fora, à margem, sem valor e sem utilidade social. Do lado dos ‘sem utilidade social’ encontram-se várias ‘categorias’ de indivíduos como: as prostitutas, os toxicodependentes, os marginais ou autores e atores do crime, os velhos, os desempregados, os iletrados, etc.

O desafio da inclusão nos dias de hoje é alargar as representações sociais que caracterizam os lugares, permitindo que neles floresçam novas lógicas de ser indivíduo e/ou cidadão, e colocar a economia ao serviço do desenvolvimento tornando-a uma ferramenta para a sociedade (e não para o sistema financeiro) permitindo a inclusão da diversidade como valor social e que nas comunidades respirem diversas etnias, grupos culturais, credos, tipos de família, tipos de contratos de trabalho, opções de vida, etc.

A exclusão acontece por razões e motivações diversas como as questões do território e do isolamento, das atividades ilícitas, da criminalidade, da violência, do desemprego, da falta de formação e do abandono escolar... A inclusão é o processo que procura evitar ou diminuir os casos de exclusão, caracterizada, como refere Rosário Farmhouse Diretora Geral do ACIDI (que gere o Programa Escolhas), por um movimento das duas partes: a que quer incluir e a que procura incluir-se. Define-se pela cocriação de uma nova realidade onde as oportunidades estão ao alcance de todos. Indica o Programa Escolhas que incluir implica alargar as oportunidades em dimensões como a formação e o emprego; as competências sociais e culturais; a valorização pessoal; o empreendedorismo, a participação social e cidadania. Porque estamos perante um sistema económico e financeiro propiciador da exclusão social, é necessário promover instrumentos que contrariem essa tendência. Serão as indústrias culturais e criativas exímias promotoras de inclusão social? Vamos neste trabalho perceber se o fazem, como e porquê...

## OBJETIVOS DESTE TRABALHO

Inspirada pela vontade de passar da intenção ao ato, de ser empreendedora social de alma mas também no verbo ou na ação. E de tornar-me participante num movimento social que procura mudar a estrutura social tal como a conhecemos. Apaixonada pelas Indústrias Culturais e Criativas que transformam processos sociais e movida pela vontade de perceber o fenómeno da exclusão e os processos que facilitam a inclusão social. Fez-me sentido articular a criatividade, a cultura e a arte nos processos de inclusão social. Quis perceber se esta ideia tem fundamento e porquê...Procuro neste trabalho articular dois aspetos:

- 1) Problema: Uma economia cada vez mais focada nas necessidades do capital e ao serviço do sector financeiro que provoca a destruturação social e promove a exclusão;
- 2) Parte da solução: A promoção de novos pilares e fundamentos assentes na economia social, centrada nas pessoas. Com o empreendedorismo social como força motora e as Industrias Culturais e Criativas como instrumento para a inclusão social.

Proponho-me observar o 'poder' da Cultura, da Criatividade e da Arte como alavanca no diálogo e no processo de inclusão social. É pertinente perceber como as indústrias Culturais e Criativas são e dão respostas mais adequadas para a promoção da inclusão social e a alteração do paradigma social vigente.

Assim, proponho como principais Questões de partida:

Serão a Criatividade, a Cultura e a Arte bons promotores de uma nova economia social mais inclusiva? De que forma podem as Indústrias Culturais e Criativas participar na construção de sociedades mais inclusivas?

Os princípios epistemológicos subjacentes à construção do objeto do estudo conduziram à delimitação da área temática na qual se situaria o trabalho de investigação, centrando-se essencialmente, nos impactos de programas de inclusão social. Porque afinal é este o objetivo central: a inclusão; e as Indústrias Culturais e Criativas um Instrumento.

De acordo com o pressuposto mencionado, o plano de investigação sofreu algumas alterações, concertando-se estratégias, à medida que o objeto de estudo foi conhecido e, como se foi conhecendo melhor o tema em estudo. O plano foi sofrendo modificações e as estratégias foram também selecionadas de acordo com decisões, em termos de aspetos específicos, contexto e dos autores em análise.

Na presente investigação, o trabalho de construção do objeto de estudo teve por base fundamentos teóricos resultantes da revisão do estado da arte através de leituras prévias efetuadas sobre a temática enunciada, pela reflexão das práticas em inclusão social.

Para responder a ambas as questões é necessário observar dois campos:

- 1) O das Indústrias Culturais e Criativas: como atuam e em que medida são capazes de construir caminhos mais inclusivos;
- 2) O da Inclusão Social: De que forma se promove a inclusão social, que dimensões sociais são consideradas e que instrumentos.

Para isso, definiu-se como base conceptual três referências nos campos supracitados, respetivamente:

- 1) Richard Florida reconhecido investigador no sector Cultural e Criativo com pesquisas relevantes sobre as Cidades Culturais e Criativas e as dimensões sociais das mesmas;
- 2) O programa Escolhas, premiado internacionalmente, orientado para a inclusão de jovens e adolescentes e que define uma série de dimensões para a inclusão social, que utilizarei também nesta pesquisa.
- 3) O Plano de Desenvolvimento Comunitário na Mouraria, amplamente reconhecido pela capacidade de regeneração de um território estigmatizado, com recurso em grande parte às Indústrias Culturais e Criativas e a ações que envolvem a cultura e a arte.

Poder-se-á dizer portanto que as ambições deste trabalho é reunir os *guidelines* ou um ‘Manual de Boas Práticas’ para projetos de Empreendedorismo Social, que visam promover a inclusão social através das Indústrias Culturais e Criativas.

Foi necessário responder a algumas questões que nos permitirão compreender o fenómeno da inclusão pela cultura e a criatividade de uma forma mais clara e abrangente:

- 1) O que são as Indústrias Culturais e Criativas e que impactos geram?
- 2) O que é a Inclusão Social e como acontece?
- 3) De que forma as Indústrias Culturais e Criativas, assentes nas lógicas do empreendedorismo social, facilitam a inclusão social?
- 4) Qual a matriz de melhores práticas nas Indústrias Culturais e Criativas com enfoque na inclusão social?

Partindo da contextualização e dos pressupostos atrás explicitados, esta investigação centra-se, em analisar o poder da cultura, da criatividade e da arte como formas de inclusão social.

## **I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO**

### **1.1 Indústrias Culturais e Criativas, contextualização e evolução histórica**

Apesar de desenvolvido na UK com o Departamento para o Cultura, Media e Desporto, as indústrias culturais e criativas surgem formalmente, como tal, na Austrália nos anos 90. Mas é na UK que surge o primeiro Ministério para as Indústrias Culturais e Criativas o que representa uma clara aposta no sector. O conceito de criatividade tem vindo desde então a desenvolver-se.

Segundo Hartley (2005) todas as pessoas são, em essência, criativas mas só algumas são capazes de transformar criatividade em valor económico e social. A função social da criatividade não é alcançada por indivíduos em atos criativos isolados, mas quando essas pessoas encontram lugares onde o acesso, o capital, as infraestruturas, a legislação, os mercados, o copyright, as marcas, o design de produto, e os processos inovadores conseguem transformar a criatividade em valor económico e social.

Estas indústrias culturais e criativas referem-se às atividades que têm origem na criatividade individual, na habilidade e no talento, com potencial de criação de emprego e riqueza, bem como através da criação e exploração da propriedade intelectual. São atividades que apresentam comportamentos excelentes em diversos contextos económicos, isto porque possuem um elevado nível de qualificação dos seus trabalhadores e exigem reduzidos investimentos para a criação de novos negócios, tendo como base o talento e a criatividade.

Tendo em conta a definição adotada pela UNESCO (2008), as Indústrias Culturais são indústrias que produzem e distribuem bens e serviços culturais que, encarnam ou transmitem expressões culturais, quando consideradas do ponto de vista da qualidade, utilização ou finalidade. Segundo a mesma fonte, as Indústrias Culturais têm como principais características:

- 1) Uma matéria-prima como uma criação protegida por direitos de autor, seja em suporte físico ou eletrónico
- 2) Incluem os bens e serviços culturais que são produzidos, conservados ou difundidos em série
- 3) Possuem processos de produção, circulação e apropriação social, próprios
- 4) São adaptadas às lógicas de mercado e comercialização
- 5) São espaços de integração e produção de imaginários sociais, conformação de identidades e promoção de cidadania

Segundo Florida (2002) a Economia Criativa em particular as Indústrias Culturais e Criativas (ICCs), são motores de desenvolvimento. Preservam e multiplicam a diversidade cultural; criam

modelos e estruturas de trabalho que tem na sua génese, a cooperação, criatividade, adaptabilidade, ampliação do conceito de recursos para além do financeiro. Apresentam novos modelos de gestão e de organização de trabalho. Propõem algumas vezes, formas inovadoras de financiamento e produção, de carácter alternativo e solidário. O dinamismo que apresentam, provoca a emergência de novos valores e novas práticas socioculturais e, colaboram para uma nova ordem social, sendo portanto uma ameaça à ordem estabelecida.

São Indústrias Culturais e Criativas as que intervêm nos campos:

- 1) Arquitetura
- 2) Artes performativas
- 3) Artes visuais e antiguidades
- 4) Artesanato, Artes Plásticas e Joalheria
- 5) Cinema, vídeo e audiovisual
- 6) *Design*
- 7) *Design* de moda
- 8) Editorial e Publicações
- 9) Engenharias e inovação
- 10) Música
- 11) Publicidade
- 12) Literatura e Bibliotecas
- 13) *Software* e Multimédia,
- 14) Media
- 15) Entretenimento, Televisão e rádio,
- 16) Vídeo e Fotografia;
- 17) Jogos Eletrónicos
- 18) Museus e Galerias
- 19) I & D

Florida (2002) considera que as Indústrias Culturais e Criativas transformam os ambientes, tornam as cidades e os lugares mais inteligentes e criativos e permitem a interação entre diversos grupos socioeconómicos e étnicos, com atividades que caracterizam os lugares e lhes conferem uma personalidade.

Florida (2002) desenvolveu um conjunto de inquéritos realizados nos Estados Unidos, e através desse estudo demonstrou que os trabalhadores de Indústrias Culturais e Criativas procuram centros urbanos com espaços verdes, sem trânsito, com animação de qualidade, espaços para caminhadas, BTT e outras atividades recreativas ao ar livre. As empresas criativas cada vez mais se

fixam e recriam os locais onde se inserem. Oferecem excelentes soluções de mobilidade e transportes públicos, bons restaurantes e serviços, animação e bairros residenciais cheios de diversidade de oferta e multiculturalidade.

## **1.2 Situação atual no Mundo**

As Indústrias Criativas são um dos setores de mais rápido crescimento na economia mundial, apresenta grande potencial nos países desenvolvidos e em desenvolvimento e tradições culturais e que são expressas na forma de artes, música, dança, literatura, filmes. Segundo a CNUCED/UNCTAD, as indústrias criativas encontram-se entre os setores mais dinâmicos do comércio internacional, embora alguns países ainda não tenham a capacidade de melhor aproveitamento, do potencial das suas economias, no sentido de criar empregos, receitas e ganhos de exportação<sup>1</sup>.

Florida (2002) considerou que as Indústrias Culturais e Criativas contribuem então para a regeneração das cidades, liderada pela cultura e pela inovação social e promovem o turismo cultural, com estratégias integradas com os equipamentos culturais e artísticos, eventos, festivais, etc. Criam novas formas de trabalhar, atuar e viver; atraem freelancers independentes das áreas das artes, do design, da publicidade, dos media, etc. Os artistas estabelecem-se em residências locais que antes deixados ao abandono, são agora regenerados tornando-se parte da cidade, transformam as cidades em laboratórios vivos das experiências artísticas. As Indústrias Culturais e Criativas atraem investimento e fomenta as trocas comerciais.

De referir que atualmente 50% da população mundial vive nas cidades e que este nº tende a crescer bem como potencial de exclusão gerado pela ‘sobrelotação’ das mesmas.

De uma forma geral, com base nos resultados dos estudos de Florida supracitados, os valores atribuídos às Indústrias Culturais e Criativas facilitam ambientes de inclusão na medida em que: aumentam as oportunidades, a diversidade, a inovação social, com métodos mais transparentes e justos, e promovem também a cidadania.

---

<sup>1</sup> Documento da CNUCED/UNCTAD elaborado para o “Painel de Alto Nível do Secretário Geral sobre Economia e Indústrias Criativas para Desenvolvimento” CNUCED/UNCTAD, Genebra, Janeiro de 2008 (TD(XII)BP/4)

### 1.3 A inclusão social, contextualização

O mundo é um lugar cada vez mais complexo e os conceitos de inclusão e exclusão têm crescido com essa complexidade. Segundo Capucha (2005) a exclusão não acontece apenas quando se é pobre.

Os conceitos de inclusão e exclusão evoluem consoante as épocas, são de caracterização aberta e flexível. Vários autores estudaram os fenómenos de exclusão, (Hunter, 2000; Kowarick, 2003; Lesbaupin, 2000; Proença, 2005; Capucha, 2005). Considerado um conceito recente, foi introduzido por René Lenoir em 1974, e abrange uma grande variedade de problemas socioeconómicos que vão além da pobreza, nasce na marginalidade ou na marginalização.

Na União Europeia, e especificamente em Portugal, temos assistido a um conjunto de mudanças de orientação e de conceção de novas políticas sociais, que se estabelecem no contexto de transição de um paradigma mais assistencialista para um paradigma de afirmação de políticas sociais ativas (Castro e Gonçalves, 2002). Estas políticas têm como finalidade, a promoção de processos efetivos de inclusão social. São, segundo os autores, as políticas que apresentam melhores capacidades de lidar com os fenómenos de pobreza e exclusão social, e ao mesmo tempo, fortalecer os poderes da intervenção da sociedade civil e da comunidade, para a resolução adequada dos seus problemas. (Castro e Gonçalves, 2002).

Proença (2005) define a exclusão de forma muito concreta, como a marginalização de grupos sociais e indivíduos em relação àqueles que produzem, consomem, convivem e são competentes. Segundo o autor, são fatores de exclusão, a pobreza, a fome, a privação do uso das plenas capacidades, desigualdade de educação, desigualdades sociais no acesso a bens e serviços (justiça, saúde e segurança), desemprego ou trabalho precário, privação do direito de cidadania e exclusão no processo de governação, défice de identidade, dificuldade de acesso por incapacidade física, etc. Todos os que revertem ou minimizam estas situações promovem a inclusão.

Bourdieu no seu livro *O Poder simbólico* (1994) associa a matriz da inclusão às implicações económicas e dinâmicas do poder instalado. Para o autor, os agentes que ocupam posições sociais próximas tendem a estar expostos às mesmas condições económicas e sociais e possuem práticas e atitudes análogas.

As Classes são para Bourdieu (1994), agentes que ocupam posições semelhantes e quando colocados em condições semelhantes e sujeitos a condicionamentos semelhantes, apresentam muita probabilidade de terem atitudes e interesses semelhantes, logo, com práticas e tomadas de posição semelhantes.

Bourdieu (1994) assevera que as classes dominantes estão em melhor posição para fazer mudanças e naturalmente são as menos propensas a fazê-lo. É importante perceber-se as dinâmicas de poder e de dominação pelas classes. A Classe média é normalmente aquela que melhor pode defender estruturas sociais porque tem conhecimento, é exigente e ambiciosa.

Tornadas invisíveis estas lutas pela dominação, prevalece a ideia de que a condição económica, social e cultural do indivíduo só depende deste. De que a posição social de cada um é reflexo das escolhas (Serge, 2003).

Souza (2011) ressalta a máscara da igualdade formal e da ideologia do talento meritocrático, a *'sociodiceia dos próprios privilégios'* das classes dominantes. A aceitação passiva desta dominação assenta em dois pontos essenciais: o primeiro a reprodução invisível da classe dominante que assume a sua posição com a argumentação do mérito e não é questionada pelas restantes, dominando os que se encontram numa posição desvantajosa e atribuindo-lhes as responsabilidades pela sua condição; no segundo a autorreprodução destas desigualdades reduzindo a capacidade de luta por mudanças.

De facto é raro ver-se alguém rico sem os estudos das faculdades mais relevantes e são exceções os pobres que conseguem passar pelas melhores escolas e/ou faculdades, (para o qual lhes é exigido um evidente brilhantismo que os coloca num patamar acima da média). Ou seja, de um lado todos podem ter acesso aos predicados para o sucesso devido às condições económicas que possuem, do outro apenas as *'mentes brilhantes'* que dela têm consciência e que se fazem notar, ou os *'milagres do mérito individual'*, deixando as precondições sociais e familiares desse milagre de fora deste debate. (SOUZA, 2011)

A inclusão social é o processo que pretende garantir que pessoas em risco de exclusão acedam às oportunidades e recursos necessários nas esferas económicas, sociais, culturais e políticas e beneficiem de um bem-estar normal nas sociedades em que vivem.

Luís Capucha (2005) considera excluídos os estilos de vida à margem: sem-abrigo, jovens em risco, toxicodependentes, idosos, famílias monoparentais, ex-reclusos, minorias. Identifica como fatores de exclusão a influência de elementos da sociedade (trabalho, família, equipamentos), as capacidades dos sujeitos (qualificações, rendimentos, condições de habitação), objetivamente os condicionalismos exteriores do mercado e sociedade (que condicionam a ação) e subjetivos interiores (ao nível das representações, valores dos sujeitos e que também condicionam a ação).

Capucha (2005) refere uma nova geração de políticas sociais ativas, ilustrativas dos esforços realizados ao abrigo da renovação do modelo social europeu, baseadas no aumento das oportunidades, capacidades, responsabilidades e participação social dos grupos em situação de exclusão. As políticas introduzidas referem-se a:

- 1) Justiça social, políticas específicas para grupos mais vulneráveis;
- 2) Recuperação da confiança e do papel de parceiros sociais, concertação, emprego;
- 3) Políticas de emprego e aprendizagem ao longo da vida;
- 4) Modernização da segurança social; qualidade de vida e conciliação da atividade profissional e família;
- 5) Rede de respostas sociais de apoio à família;
- 6) Políticas de integração de imigrantes;
- 7) Políticas de habitação social favorável à integração com atenção à políticas do território.

Para Capucha (2005), a inclusão social implica a integração dos grupos que estão nas margens da sociedade removendo as barreiras relacionadas com a pobre educação, o défice de competências e até com o fraco reconhecimento da sua igualdade cultural e capacidade de contribuição social (autoidentidade e autoestima). A inclusão promove a coesão social que evita que as sociedades falhem. Estabelece as normas e a estrutura de convivência e confiança que define as bases comuns, no meio da diversidade.

#### **1.4 A cultura e a arte como instrumentos de inclusão**

Muito tem sido escrito sobre a questão social, capital e a sua importância na coesão social, nos últimos 20 anos. A inclusão social pode ser definida como o processo pelo qual certos grupos são estimulados, a partir da margem da sociedade, a participar mais plenamente em sociedade através de vários fatores. As artes têm benefícios para os indivíduos e para a sociedade, pois fornecem ideias inspiradoras e novos significados, simbolizam aspetos do mundo e, expressam significados para as comunidades e grupos.

Como resultado de um conjunto de pesquisas sobre este tema, existem lacunas na prática, como se entende a inclusão social e como ela deve ser avaliada. Em particular, a avaliação da inclusão social com grupos específicos de indivíduos tem provado ser um desafio real.

A cultura como conjunto de valores e costumes e numa noção mais alargada como conhecimento é uma oportunidade. A arte apresenta oportunidades de juntar pessoas, aproximar costumes e promover a compreensão do outro. A arte e a cultura promovem pontes culturais, a solidariedade e a descoberta do outro. Também são oportunidades de construção de capitais financeiros, cultural e social, através dos eventos, das artes e dos artistas. A criação de valor comunitário através dos laços que cria, da coesão, do bem-estar económico e social da atratividade que gera e que atrai turistas, artistas e outros emigrantes promovendo a diversidade e a movimentação de diversas indústrias. A arte e a cultura atraem negócios e investimentos.

François Matarasso (1996) considera que as artes e a cultura devem ser de livre acesso de todos uma vez que estas moldam a evolução dos pensamentos e crenças humanas e por isso a democracia deve garantir a igualdade de acesso à arte, educação e política. Esse direito consta aliás do artigo 27 da declaração dos direitos humanos da ONU. Matarasso (1996) defende total acesso no consumo mas também na produção e distribuição de arte.

É curioso perceber que em Portugal, as políticas de acesso à cultura e às artes têm caminhado precisamente no sentido contrário, reduzindo por exemplo os dias de gratuitidade nos museus. Este tem sido, aliás, um tema muito estudado pelo Observatório das Actividades Culturais cujos estudos recentes apontam para a redução da gratuitidade sob a argumentação de que a fruição de cultura e arte é feita por aqueles que dela entendem e que normalmente têm possibilidades de a pagar. Apesar de ser uma conclusão fundamentada parece-me redutora por não considerar a questão social, vedando acessos aos mais vulneráveis e contradizendo o que se defende na inclusão social: alargar oportunidades e recursos...Como tal, aproximo-me mais da tese de François Matarasso.

## II – ESTUDO EMPÍRICO

### 2.1 Opções metodológicas

Denzin e Lincoln (1994) definem a investigação qualitativa como multimetódica, uma vez que envolve uma perspetiva interpretativa, construtivista e naturalista face ao seu objeto de estudo.

Este fato predispõe os investigadores qualitativos ao estudo da realidade no seu contexto natural, procurando dar-lhe sentido, interpretando os fenómenos de acordo com os significados que têm para os sujeitos envolvidos.

Uma das principais preocupações foi definir a metodologia, decidir qual a natureza do estudo. Tendo em conta os objetivos da investigação seguiu-se uma abordagem de natureza qualitativa. Uma abordagem centrada essencialmente nos aspetos qualitativos. O estudo pretende, escrever e interpretar casos de inclusão e formas de inclusão social por meio das Indústrias Culturais e Criativas.

Das Técnicas (na recolha e análise de dados):

Segundo Bogdan e Biklen (2006), a investigação qualitativa possui cinco características:

- 1) Os dados são recolhidos no seu contexto natural.
- 2) Os dados recolhidos são, essencialmente, de carácter descritivo.
- 3) Em metodologia qualitativa o processo é, pelo menos, tão relevante como os resultados.
- 4) A análise dos dados é feita de forma indutiva.
- 5) A investigação centra-se, acima de tudo, em tentar compreender o significado que os participantes atribuem às experiências.

A pesquisa em causa, ocorre em três momentos: as construções do quadro teórico, resultantes do apanhado dos principais estudos científicos já realizados e de grande importância, porque nos fornecem dados atuais e importantes para a investigação, pelas técnicas de recolha de dados, e pelas fontes de informação: aplicação de questionários.

De qualquer forma, Reichardt e Cook (1986) referem que o investigador não é obrigado a optar por um método exclusivo quantitativo ou qualitativo, poderá portanto combinar o seu uso.

Tem como objetivo final estabelecer um confronto crítico entre a realidade observada e o quadro de referência teórico da investigação.

Na ótica de Yin (1994) podemos identificar quatro categorias ou interesses inerentes à realização de estudos de caso:

- 1) Estudos exploratórios: investigar fenómenos pouco conhecidos para identificar variáveis importantes e gerar hipóteses para investigações futuras e mais alargadas;
- 2) Estudos explanatórios: incidem na explicação de forças que originam o fenómeno em estudo e procuram identificar redes plausíveis de causas que o afetam;
- 3) Estudos descritivos: procura-se documentar o fenómeno de interesse;
- 4) Estudos avaliativos: visam prever os resultados de um fenómeno e prever situações e comportamentos resultantes do fenómeno.

Podemos enquadrar este estudo na lógica supracitada, uma vez que o seu carácter exploratório se concebe na perspetiva de continuidade que é imprescindível a esta investigação.

Para além do referido, existe a consciência que desta fase exploratória podem emergir questões suscetíveis de alargar os objetivos e melhorar esta investigação, reforçando a explicação de forças que originam o fenómeno em estudo e procuram identificar redes plausíveis de causas que o afetam.

Os objetivos propostos levam à utilização de uma metodologia designada por paradigma qualitativo, capaz de descrever e compreender fatos pelo seu relacionamento e comparação, atrás referido.

Ainda que compreendendo o campo da inclusão e o conceito de indústrias culturais e criativas falta agora perceber como se articulam e como se potenciam. E nesse sentido, o estudo empírico permitiu a observação de alguns projetos que visam a inclusão e que utilizam a Cultura e a Arte como uma das ferramentas de promoção da mesma. Não o fazem como ferramentas exclusivas, em alguns casos utilizam também o Desporto, as Tecnologias da informação, entre outros.

## **2.2 Instrumento de recolha e tratamento de dados**

No caso do presente estudo, foram também utilizadas entrevistas semiestruturadas, adequadas a análise de cariz qualitativa (Gaskell, 2005). Estas entrevistas têm como suporte um guião orientador. E tal como o nome indica, é algo que orienta e não deve ser seguido à risca como se o sucesso da investigação estivesse dependente dele (Gaskell, 2005). Desta forma, existe flexibilidade na ordem das questões, estimula o aparecimento de outras e permite ao entrevistado produzir um discurso pessoal, sobre os temas abordados.

Tais características permitem manter um ambiente natural de conversa, contudo, se o entrevistado não abordar naturalmente um dos temas, o entrevistador deve de lhe propor o tema.

Segundo Bogdan e Biklen, com as entrevistas semiestruturadas “ *fica-se com a certeza de se obter dados comparáveis entre os vários sujeitos*”. (1994:135).

Embora a entrevista seja uma técnica que dá a conhecer a perspetiva dos entrevistados, existem fatores que a condicionam como: a cultura das pessoas; a empatia que se estabelece entre entrevistador/ entrevistado; os objetivos; o meio e o tempo/disponibilidade do entrevistador e entrevistado. O entrevistador tem que estar atento a esses fatores.

Torna-se indispensável existir alguns cuidados a ter durante a entrevista que se prendem com o respeito que todos os entrevistados devem merecer ao entrevistador. Este último deve ao longo do seu desempenho identificar-se com a sua função e *descolar-se* da sua identidade, não exprimindo as suas opiniões; deve de conduzir o seu entrevistado para um aprofundamento do seu discurso (exceto em entrevistas diretivas); ouvir atentamente o que lhe é transmitido e, obviamente, ser sensível às relações humanas.

A entrevista deve ser efetuada num local calmo para a concentração ser maior e o discurso fluir com mais facilidade. A duração da entrevista deve ter em conta o grau de interesse que o próprio entrevistado tem em responder.

Para efectuar a análise, teve-se por base as orientações de Bogdan e Bliklen (1994), Bardin (2004) e Guerra (2006), por considerarem de forma unânime que esta técnica ou conjunto de técnicas, é o processo mais adequado para transformar os dados obtidos nas entrevistas semi-diretivas num *corpus* de informação relevante e passível de interpretações fundamentadas.

Neste trabalho que desenvolvo recorro às pesquisas bibliográficas como forma de construir um terreno conceptual, ao estudo de dois casos para observar, compreender e identificar as estratégias de promoção da inclusão social e a entrevistas a diversas entidades com conhecimento e experiência nos territórios da inclusão social e das indústrias culturais e criativas como forma de consubstanciar e enriquecer esta dissertação.

Foram feitas entrevistas aos seguintes:

- 1) Rosário Farmhouse, Diretora Geral do ACIDI entidade responsável pelo Programa Escolhas;
- 2) Pedro Calado, Coordenador Directo do Programa Escolhas;
- 3) Nuno Franco, da Associação Renovar a Mouraria indicada pelo GABIP, Gabinete de Coordenação do Programa de Desenvolvimento Comunitário da Mouraria (PDCM)
- 4) Luís Matos, Diretor da AUDAX
- 5) Cláudia Pedra, Consultora da Bolsa de Valores Sociais
- 6) Ana Moreira, membro dirigente da Associação SOS Racismo
- 7) Graça Fonseca, Vereadora da Economia e Inovação na CML
- 8) Ana Margarida Pedro, Coordenadora de Marketing e Comunicação na Associação Tese
- 9) Pedro Moreira, Diretor de Programação Cultural na EGEAC
- 10) Rita Fortunato Batista, Presidente da ACAF

A escolha dos entrevistados tem como propósito essencial acrescentar diferentes perspetivas e consubstanciar o observado no estudo dos casos em análise neste trabalho. Foram seleccionadas entidades ligadas à inclusão, à promoção cultural, ao empreendedorismo, às políticas económicas e de inovação e entidades financiadoras e promotoras de projetos sociais com enfoque na inclusão, muitos deles no sector cultural e criativo. Infelizmente, não foi possível entrevistar, em tempo útil, empreendedores sociais de indústrias culturais e criativas com enfoque na inclusão.

### **III- ESTUDO DE DOIS CASOS**

#### **3.1 Objetivo geral**

Determinar a forma como dois importantes projetos como o Programa Escolhas (inclusão jovens) e a Mouraria (território) implementam projetos para a inclusão, percebendo em particular a forma como utilizam a cultura e da arte para o sucesso dos mesmos.

Como referido no capítulo anterior, articulo as conclusões a que vou chegando em cada caso com as respostas às entrevistas conduzidas no âmbito deste trabalho.

As entrevistas procuram também responder às questões de partida essenciais deste estudo:

Serão a Criatividade, a Cultura e a Arte bons promotores de uma nova economia social mais inclusiva? De que forma podem as Indústrias culturais e criativas participar na construção de sociedades mais inclusivas?

#### **3.2 Objetivos específicos**

- 1) Identificar cada projeto em termos de inclusão
- 2) Determinar como se lançaram
- 3) Identificar como se articulam com o Estado
- 4) Determinar em que dimensões trabalham
- 5) Determinar que resultados obtêm

#### **3.3 Amostra e locais de estudo**

A presente amostra de estudo é constituída por dois projetos de Inclusão em Portugal: o Programa Escolhas e o Programa de Desenvolvimento Comunitário da Mouraria ‘Ai Mouraria’ (PDCM). Os quais destacamos de seguida.

### 3.4 Guião orientador das entrevistas

- 1) A inclusão social compreende uma dimensão económica, social e cultural/simbólica. Considera que a Cultura e a Arte são ferramentas de eleição na articulação destas 3 dimensões? Porquê?
- 2) Que oportunidades e desafios apresentam as Indústrias Culturais e Criativas (ICCs) para a área da inclusão social?
- 3) Acha possível obter-se bons resultados na inclusão de TODOS sem amputar, colonizar ou anular características culturais?
- 4) Richard Florida fala dos 3 T's das cidades criativas (Tolerância, Tecnologia e o último o Talento). Como é que as Indústrias Culturais e Criativas na era da economia do conhecimento inclui os menos 'competentes' e/ou com menos conhecimento?
- 5) Como é que as ICCs promovem a inclusão de TODOS sem gerar novas formas de exclusão, marginalização ou discriminação positiva? É possível fazê-lo?
- 6) Consegue apontar empresas ou projetos do sector Cultural e Criativo com excelentes resultados ao nível da inclusão? Que boas práticas implementam?
- 7) Poderão as Indústrias Culturais e Criativas com enfoque na inclusão social serem sustentáveis?

Esta estrutura foi elaborada considerando os objectivos deste trabalho e as questões de partida para as quais procuro respostas nesta investigação. Mas também pensada por forma a responder a dúvidas e inquietações que surgiram após leitura da bibliografia seleccionada. Assim, questiono os entrevistados relativamente aos desafios e oportunidades que os diversos autores lidos apresentam, centrando-me no contexto deste trabalho.

Seguiu-se sem carácter obrigatório e de forma informal a estrutura apresentada, de cariz qualitativa, devendo este por isso ser considerado apenas um guião orientador. Que tal como o nome indica, é algo que orienta e não deve ser seguido à risca como se o sucesso da investigação estivesse dependente dele. Desta forma, existe flexibilidade na ordem das questões, estimula o aparecimento de outras e permite ao entrevistado produzir um discurso pessoal, sobre os temas abordados.

Outras questões de fato surgiram no decurso natural da própria conversa. Parte destas entrevistas semiestruturadas podem ser revistas em anexos deste trabalho.

### 3.5 Caso Escolhas (inclusão jovens)

O *Programa Escolhas* visa promover a inclusão social de crianças e jovens provenientes de contextos socioeconómicos mais vulneráveis, tendo em vista a igualdade de oportunidades e o reforço da coesão social.

Contém Jovens dos 6-24 anos e famílias. Descendentes de imigrantes e minorias, de forma não exclusiva. Sujeitos a:

- 1) Abandono escolar precoce
- 2) Insucesso escolar
- 3) Comportamentos desviantes
- 4) Desocupação
- 5) Medidas tutelares educativas
- 6) Medidas de promoção e proteção

O Escolhas é um programa governamental de âmbito nacional, criado em 2001, promovido pela Presidência do Conselho de Ministros e integrado no Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural – ACIDI, IP, cuja missão é promover a inclusão social de crianças e jovens de contextos socioeconómicos vulneráveis, visando a igualdade de oportunidades e o reforço da coesão social. Atualmente na sua 5ª geração, que decorrerá até 31 de dezembro de 2015, o Programa Escolhas mantém protocolos com os consórcios de 110 projetos locais de inclusão social em comunidades vulneráveis, com a opção de financiar mais 30 projetos, muitos dos quais localizados em territórios onde se concentram descendentes de imigrantes e minorias étnicas. Avaliámos os resultados da 4ª geração Escolhas.

De acordo com o que indicou, em entrevista, Rosário Farmhouse Diretora Geral do ACID que gere o Programa Escolhas, o programa:

Surge após um crime na linha cascais, efectuado pela segunda geração de emigrantes e que ganha grande visibilidade mediática, relativamente ao qual Paulo Portas, na oposição na altura, faz fortes discursos anti-emigração. O Governo da altura sente que tem de atuar para ‘calar’ estas observações e cria o Programa Escolhas dirigido às segundas gerações de emigrantes e grupos mais vulneráveis.

O Programa Escolhas centra-se em 4 áreas essenciais ou eixos-problemáticos:

- 1) Educação e formação;
- 2) Capacitação e empreendedorismo;
- 3) Emprego e empregabilidade;

#### 4) Dinâmicas comunitárias e cidadania.

Segundo o último relatório de avaliação da 4ª geração do Programa Escolhas (2013), este considera o indivíduo e a sua história. Convida o indivíduo a ativar-se e assumir as rédeas do seu destino. E, para tal faz o diagnóstico dos recursos individuais e familiares, sociais e organizacionais, psicológicos, culturais e técnicos, entre outros.

Atua através de programas de inclusão desenvolvimento, incluindo competências sociais, emocionais e cognitivas. Procura desenvolver capacidades para integrar os sentimentos (competências emocionais), o pensar (competências cognitivas) e o agir (competências comportamentais). Pretende-se ainda reforçar a competência moral como a habilidade de avaliar e responder às dimensões éticas, afetivas, ou sociais.

Valoriza-se uma intervenção integrada. Não se trata de valorizar competências apenas para a inserção no mercado de trabalho mas o desenvolvimento de competências empreendedoras nos jovens. Valoriza-se assim um trabalho de reforço de capacidades individuais (características pessoais, valores, motivações) e, de iniciativa (capacidade de procura de oportunidades, de organização, de trabalho em equipa, de liderança, etc.).

De acordo com este mesmo relatório, a exclusão gera um ciclo de carências por vezes difícil de quebrar. As questões do território, do isolamento, das atividades ilícitas, do abandono escolar, da falta de autoestima entre outras são aspetos essenciais que devem ser observados e corrigidos com programas dirigidos. Normalmente vê-se no território: habitações ilegais, bairros problemáticos, fechados sobre si e/ou estigmatizados, isolamento geográfico; na criminalidade e atividades ilícitas: o tráfico e a prostituição que gera insegurança nos bairros; por vezes esse isolamento sobre si, fecha as pessoas no seu mundo. ‘Fui à cidade’, alguns dizem... A ausência de atividades de lazer, lúdicas e que alterem comportamentos de risco, cada um ocupa o tempo com um pouco de nada ou com as atividades ilícitas.

As questões étnicas, são colocadas sobretudo face às populações ciganas onde se refere que a origem étnica é mais um fator dificultador da inserção laboral. Considera o relatório Escolhas que muitas vezes é recíproco, ou seja, por questões culturais esta população não pretende abandonar a venda ambulante mas também há uma consciência clara por parte de equipa técnica e do público da dificuldade de lhes ser atribuído um posto de trabalho.

A questão da maior dificuldade de inserção da etnia cigana é aliás referenciada também por três dos entrevistados neste estudo. Refere Pedro Calado, Coordenador do Escolhas:

É também importante conhecer-se a história e a cultura dos grupos. Por exemplo os Ciganos, são perseguidos há mais de 500 anos. Talvez por isso sejam uma comunidade fechada com

costumes particulares que promovem a preservação da cultura mas dificultam imenso a inclusão.

Apesar do Coordenador do Projecto Escolhas enaltecer as competências dos técnicos que têm no terreno, a verdade é que existem críticas quando à capacidade que estes têm de compreender e estabelecer pontes com culturas mais distintas. Ana Moreira, do SOS Racismo, é uma das vozes críticas:

(...) o que percebi é que os técnicos sociais não os conhecem e não estão abertos a novos mundos não percebem a comunidade cigana e o trabalho que fazem é aliciar com subsídios o que os tornou subsídio dependentes. Existe uma resposta, da comunidade cigana, pela agressão que só permanece por medo de intervir... O medo só existe porque se desconhece. Tanto de um lado como do outro... E infelizmente não há políticas públicas de integração do cigano, há perseguição, habitação social e subsidiodependência.

Os próprios técnicos sociais não estão preparados para intervir. Eu, por exemplo, prefiro trabalhar com pessoas não formadas na área social porque veem menos formatadas e mais abertas.

Ainda sobre a dificuldade de inclusão social em grupos de etnia cigana, coloca-se a questão de existir aqui a muito forte preservação das raízes e tradições culturais. Assim, é pertinente indagar sobre as possibilidades de se incluir/integrar grupos culturalmente distintos numa mesma sociedade, sem aniquilação das suas raízes. Sobre este aspecto, refere Cláudia Pedra da Bolsa de Valores Sociais:

(...) infelizmente a maior parte das vezes é feita por aniquilação da diversidade. Mas para evitar isso é preciso incluir os próprios no processo o que raramente é feito... Quando se pensa vou incluir a comunidade cigana ou vou incluir a comunidade cabo-verdiana e temos uma série de portugueses a fazer os planos de ação vai com certeza dar mau resultado. Por exemplo numa reunião onde estive sobre a inclusão de ciganos um dos pontos era ‘conseguir-se comportamentos normalizados’ ora, eu tive um ataque de nervos... Porque isso mostra o tipo de pensamento que se tem. Se estivesse nessa reunião alguém da comunidade cigana nunca teria saído tamanho disparate! Podemos estar 3 horas a discutir o que são comportamentos normalizados.

O relatório do programa escolhas indica uma preocupação contudo com a valorização das culturas de origem para reforço da autoestima. Jovens com baixa autoestima têm comportamentos menos adequados e identidades pautadas por um fraco autoconceito e auto-perceção. A autoestima compõe-se do autoconhecimento de si e de um nível emocional forte, motivação e comportamentos positivos.

Indica o relatório que a maioria dos jovens Escolhas (cerca de 67%) tem uma autoestima familiar média. Quis tentar perceber as razões para a valorização da autoestima e valorização pessoal em processos de inclusão social. De acordo com Rosário Farmhouse:

A valorização cultural e pessoal é elementar no processo de inserção. O individuo tem de se sentir capaz, valioso, com um papel e uma actuação... A auto-estima é determinante para afastar pessoas da marginalidade e da criminalidade. Para isso o Escolhas atua por exemplo com psicologia nas escolas e/ou ações locais que tendam quebrar ciclos de modelos e referências errados mostrando modelos e referências correctos. Fizemos um livro de 365 jovens Escolhas que vieram de circunstâncias inimagináveis e têm muito sucesso. Pretende-se com isto mostrar que é possível ser diferente da ‘mãe’, do ‘pai’, dos ‘meninos do bairro’

(...)

É preciso ser capaz de reconhecer A oportunidade, que nestas vidas são menores e portanto há que agarrá-las quando estas surgem. Muitos não saem do contexto porque não reconhecem A oportunidade ou porque (por falta de auto-estima) não acham que seja para ‘eles’ perpetuando o ciclo de exclusão.

Também a escola é vista com um papel determinante na construção do individuo. Na inclusão de jovens desfavorecidos e no alisamento de assimetrias face ao saber evitando que se reproduza situações de dominação das posições na sociedade. Em grupos desfavorecidos, muitos provenientes de famílias desestruturadas é muito fácil que a escola assuma, ainda que parcialmente, o papel da autoridade e do poder ou daquele que incute algum auto-controlo e disciplina nas crianças e jovens.

O trabalho é outro fator muito importante. Através dos rendimentos que o trabalho proporciona, o indivíduo pode participar economicamente na vida social e também garantir as condições para a constituição da sua própria identidade social.

De forma global, os jovens atribuem à situação do país e às dinâmicas do mercado de trabalho, as dificuldades de inserção no mercado de trabalho não se considerando estigmatizados pela pertença a determinado grupo social ou contexto geográfico. Poucos ambicionam profissões altamente qualificadas, muitos vêm-se no desporto (futebol) e alguns nas artes. Existe um futuro idealizado mas mais de metade assume que ficar como os pais não é mau. Importante é ganhar autonomia e independência (ter casa, trabalho e algum dinheiro).

Esta conclusão do relatório do Programa Escolhas é de fato inesperada e leva-nos a refletir sobre as questões da invisibilidade de dominação das classes economicamente mais favorecidas. Também sobre as reais possibilidades de igualdade de oportunidade dos que proveem de origens mais humildes. Sobre o que designei de ‘pontos de partida’ alguns entrevistados referiram visões distintas.

Concordando de uma forma geral que valores como a resiliência e determinação podem alterar circunstâncias potenciados por programas de orientação, *coaching* e *mentoring*. Refere, Luis Matos da Audax que:

Eu não sei se quem parte de sítios diferentes chega ao mesmo lugar, poderá chegar ou não... Sei que quem parte dos mesmos locais muitas vezes chega a sítios diferentes. Socialmente e culturalmente... Temos essa experiência de colegas de carteira que muitos partimos de lugares semelhantes e chegamos a pontos diferentes com mais ou menos fragilidades.

Estou convencido, certo não estou, mas estou convencido que termos contextos diferentes ou contextos diversificados durante a nossa formação e ao longo da vida, vai ajudar-nos a criar mais mundos e sermos melhores profissionais...

Margarida Pedro da Associação Tese reforça:

(...) metodologias que nós acreditamos que têm um impacto muito grande, nomeadamente com o *coaching* e o *mentoring*, o primeiro tem como função por o individuo ao comando da sua própria vida num caminho de auto-responsabilização em que de fato percebemos o que está dependente de nós, (porque nem tudo está e não precisamos de carregar esse peso nos ombros), e que recursos podemos utilizar para concretizarmos o nosso plano de ação. O *mentoring* aumenta a rede de contactos e aproxima os jovens das áreas que querem.

Relativamente aos resultados do Programa Escolhas, verifica-se:

No eixo 1- Educação e Formação:

Redução do abandono escolar e melhores resultados escolares; melhor encaminhamento na oferta formativa e integração e atribuição de bolsas; Maior intervenção junto das famílias com enfoque nas competências parentais, ainda que com resultados abaixo do pretendido; aposta na inclusão digital e capacitação pessoal, social, escolar e técnica;

No eixo 2. Capacitação e Empreendedorismo:

Uma forte intervenção e impacte nas competências pessoais, sociais e empreendedoras, dimensão apresentada como promotora e basilar na promoção dos restantes resultados. A este nível, verifica-se uma forte aderência às atividades dinamizadas, melhorias comportamentais de crianças e jovens e o aumento do sucesso escolar pelo maior envolvimento e empenho, uma melhor interação entre pares, com a família e a comunidade, melhorias ao nível dos estilos de vida, o controlo comportamental entre pares e o aumento da autoestima.

No âmbito do eixo 3. Emprego e Empregabilidade:

Uma intervenção que partilha preocupações entre a promoção de competências para a empregabilidade e inserção no mercado de trabalho propriamente dita. Esta última com resultados muito aquém do esperado. Às baixas qualificações desta população junta-se o atual contexto socioeconómico com escassas ofertas de emprego que diminui as possibilidades de reverter a situação de desocupação e pobreza deste grupo populacional. Este cenário obriga a que o encaminhamento para formação profissional se torne um fim e menos um meio para uma inserção laboral.

Finalmente, ao nível do eixo 4. Dinâmicas Comunitárias e Cidadania:

Uma elevada participação e dinamismo dos jovens em atividades que implicam o envolvimento da comunidade, inclusivamente, intergeracionais e a adesão a ações de voluntariado. Uma cidadania mais activa e participada, um maior sentido de pertença à comunidade e a desconstrução do estigma social associado ao território onde habitam;

Ao nível da Inserção de imigrantes e minorias étnicas a informação recolhida aponta para um crescente envolvimento e proximidade das diferentes comunidades, em grande medida patrocinado pela mobilização das próprias comunidades na participação ativa em atividades dinamizadas pelos projetos;

Refere ainda o relatório que o método escolhas é bottom-up com matriz conceptual desenvolvida em quatro dimensões, no domínio da promoção da resiliência do público-alvo: 1. Promover a interação positiva; 2. Desenvolver competências pessoais, sociais, cognitivas e morais; 3. Favorecer o sucesso; 4. Fornecer oportunidades para a construção de uma identidade positiva. Estas dimensões configuram-se num contexto de interações e relações sociais que tendem a inserir, mas sobretudo, a interessar o jovem pelo mundo que os rodeia e a saber interagir com ele aproveitando as oportunidades que permitem a concretização dos seus projetos de vida.

Neste relatório do programa escolhas define-se como as atividades que os marcam mais – percebe-se que são as atividades ligadas às artes e as que os transportam para fora dos bairros. Poder-se-á assim concluir que as artes contribuíram neste caso em particular como fator atractivo e facilitador de processos de inclusão. Não é apenas este relatório que considera as artes e a cultura como fator atractivo nos processos de inclusão, também Pedro Moreira da EGEAC o refere pelo reforço das dimensões económica, social e cultural/simbólica:

Normalmente as áreas culturais, pela sua heterogeneidade e multiculturalismo inerente, permitem um grau de inclusão maior. A veia artística sobrepõem-se às barreiras étnicas e/ou outras. Naturalmente existe ainda um percurso muito longo a percorrer para que se atinjam situação quase perfeitas, sobretudo pela necessidade de se entender o OUTRO, respeitar as suas tradições e cultura. Nesta situação a componente cultural tem permitido avanços

significativos, pois tem possibilitado, na sua maior parte das vezes, o encontro de culturas e o conhecimento de povos.

Cláudia Pedra que defende metodologias mistas, pese embora considere que:

(...) A Arte leva as pessoas ao fascínio pelo objecto com isso liga-a ao ser humano, estrangeiro, que a produziu atribuindo-lhe valor. Quebrar comportamentos violentos e estereotipados ao ver a beleza por de trás da obra.

O Programa Escolhas opera como financiador de um consórcio de projetos. A sustentabilidade dos projetos é no atual contexto económico, simultaneamente, mais difícil e mais necessária. Na generalidade, a viabilidade dos projetos findo o financiamento do programa está longe de estar garantida, existindo, pontualmente, atividades cujos elementos de consórcio poderão assumir.

De uma forma geral relativamente ao Programa Escolhas e aos resultados deste estudo realizado para a 4ª geração do Programa:

Uma larga maioria ajuizou de modo muito positivo os impactes trazidos pelo Programa Escolhas. Este é um resultado muito importante em todo este processo de avaliação: mais de 70% vê a sua vida melhorada – objetiva e/ou subjetivamente – graças à intervenção dos projetos. Definitivamente, para os jovens-destinatários inquiridos, estar no Programa Escolhas é uma sorte! São 58% que o afirma. Se juntarmos a estes os 30% que consideram essa pertença como um prémio, então temos quase 90% a reconhecer o Programa Escolhas como uma dádiva.

### **3.6 Caso Renovar a Mouraria/ AiMouraria**

A Mouraria é um território com diversas vulnerabilidades sociais: grupos em situação de pobreza e exclusão social, baixos índices de qualidade de vida, situações de insegurança, etc. Aí residem emigrantes de diversas proveniências e portugueses, convivem diferentes trajectórias e experiências de vida, diferentes religiões e práticas culturais, diferentes línguas e modos de vida. O comércio de serviços e produtos étnicos caracterizam a Mouraria. A insegurança tem origem na presença de sem-abrigo, de prostituição, de consumidores e tráfico de drogas, facilitado pela morfologia irregular, com ruas estreitas, becos e esquinas, e os difíceis acessos que tornam este num território fechado.

O Plano de Desenvolvimento Comunitário da Mouraria pressupõe a regeneração do espaço urbano e dos edifícios e a implementação de iniciativas propiciadoras de inclusão social. As

actividades culturais e criativas são ferramentas para a regeneração territorial e social, num movimento que atrai e envolve jovens artistas, designers, investigadores, turistas e visitantes. O Programa de Desenvolvimento Comunitário da Mouraria nasce sob a Marca ‘AiMouraria’.

Existiam já, antes do PDCM (iniciado em 2010), iniciativas sociais, culturais e educativas mas percebeu-se a necessidade de um plano integrado com vista ao aumento da qualidade de vida e redução da pobreza com a abertura do território à cidade.

Segundo Nuno Franco da Associação Renovar a Mouraria, a primeira grande iniciativa de transformação da Mouraria:

Nasce em 2008 com a ambição de transformar o Bairro da Mouraria. Especificamente as problemáticas do tráfico de droga a céu aberto, prostituição, solidão dos idosos, abandono escolar, ruas desorganizadas e um espaço físico que facilita o tráfico, prédios devolutos, jovens que saem do bairro e têm vergonha da mouraria (não se identificam), violência doméstica, caos no estacionamento.

A Renovar Mouraria é formada por um conjunto de cidadãos que chamou à atenção da CML e do Governo com a entrega de uma petição com milhares de assinaturas num verdadeiro movimento de cidadãos que surge após a proposta de Sónia Barradas ao Orçamento participativo. A Renovar a mouraria convidou a Sónia a integrar mais ideias no seu projecto (que se circunscrevia a projetos para o Turismo e Cultura para o Bairro da Mouraria)

O orçamento participativo é ganho pelo projecto liderado por Sónia Barradas e a Associação Renovar a Mouraria, e capta a atenção da Câmara Municipal de Lisboa que em Outubro de 2010 assume a coordenação do projecto criando o GABIP (Gabinete de Apoio aos Bairros de Intervenção Prioritária) sob a Direção de João Menezes. Reúnem-se uma série de parceiros para participar no PDCM. Ao longo de 16 meses um consórcio de 44 parceiros realizou um diagnóstico de necessidades bem como as respostas/estratégias para suprir as necessidades com um orçamento de 1 milhão de euros, financiados por fundos do QREN, até final de 2013.

As respostas no plano incidiram sobre 4 fatores:

- 1) Desenvolvimento do tecido económico, aumento de qualificações, promoção do emprego e do empreendedorismo;
- 2) Promoção de qualidade de vida e envelhecimento ativo;
- 3) Acesso à saúde e promoção da cidadania a grupos mais vulneráveis como os trabalhadores do sexo, toxicod dependentes, sem abrigo, imigrantes em situação de vulnerabilidade, crianças e jovens em risco;

- 4) Promoção do fado como fator identitário bem como de outras vertentes económicas e sociais que facilitem o orgulho dos residentes.

O processo decorreu em 10 fases:

- 1) Identificação dos Agentes Sociais da Mouraria
- 2) Definição do Plano de Trabalho
- 3) Análise de crenças
- 4) *Benchmarking* de Modelos de Intervenção
- 5) Diagnóstico Social da Mouraria
- 6) Identificação dos Projetos e Recursos no Terreno
- 7) Análise SWOT
- 8) Identificação das Linhas de Orientação Estratégica
- 9) Conceção do PDM
- 10) Implementação

Em Março de 2012 com o plano bem definido arrancou-se a implementação do mesmo. Usou-se como modelo e *benchmarks* o plano de intervenção no Bairro Alto e Cais do Sodré mas também outros exemplos de Nova Iorque, Londres e Barcelona.

Algumas das problemáticas indicadas por Nuno Franco da Associação Renovar a Mouraria:

- 1) O tráfico de droga a céu aberto: por ter ruas estreitas, becos e recantos, a mouraria torna-se local de eleição para o tráfico; sendo no passado possível fazê-lo sem qualquer controle da polícia;
- 2) A prostituição: na mouraria a geração das avós vivia da prostituição... e tiveram filhos e filhas, e netos e netas...Por mais que se tente alterar a perceção da mouraria de hoje os jovens da mouraria têm ainda receio de dizer que são da mouraria.
- 3) A solidão dos idosos porque os mais jovens por rejeição abandonam o bairro e deixam as avós.
- 4) O abandono escolar, porque por vezes para os mais novos acaba por ser mais atrativo viver das atividades paralelas da mouraria (mesmo que ilícitas);
- 5) As ruas desorganizadas e um espaço físico que facilita o tráfico, prédios devolutos, jovens que saem do bairro e não querem ou têm vergonha da mouraria (não se identificam), violência doméstica, caos no estacionamento.

O QREN começou a ser executado em 2011 tendo sido atribuídos 1 milhão Euros para o bairro da Mouraria, 500 mil alocados a 2012 e outros 500 mil para 2013.

Já existiam movimentos sociais a serem desenvolvidos na Mouraria- Intendente, em particular pelas Irmãs oblatas cujo principal objetivo é o acompanhamento de prostitutas com o objectivo de reintegrá-las na sociedade civil. Mas com o GABIP novas possibilidades e caminhos são lançados:

- 1) É criado um Gabinete de emprego, liderado pela Agência de Empreendedorismo Social que apoia desempregados na busca de um novo emprego capacitando-os para a construção de CVs, a preparação das entrevistas e até na forma de se apresentarem ao mercado. Este Gabinete conta com mais de 331 inscritos e que gerou até aqui mais 94 empregos.
- 2) É criado um Gabinete de Empreendedorismo Social que procura apoiar desempregados com ideias de negócio, facilitando formação e mentoring na construção dos planos de negócio e no desenvolvimento dos mesmos. Este Gabinete é liderado pela Audax com participação da Agência de Empreendedorismo Social.
- 3) Está a ser combatido o tráfico de droga pela ocupação do espaço público.

Segundo Nuno Franco:

O tráfico de droga na Mouraria é feito por redes bem montadas que muitas vezes, ‘dão de comer a muita gente’... A morfologia da Mouraria facilita a instalação e atuação das redes de tráfico. Os espaços novos e importantes/ associações facilitam a ocupação do espaço público desincentivando as redes de tráfico que têm de se ‘deslocar’ para locais mais ‘obscuros’. Alguns exemplos de associações relevantes: Largo, Casa da Achada (com Coleção do espólio da família), Casa Independente, etc.

- 4) Também foram desenvolvidas algumas das atividades de turismo cultural no bairro que promoveram a circulação de pessoas por exemplo pela instalação de quadros de artistas e/ou fotos de fadistas que nasceram na Mouraria e com isso a ‘desinstalação’ dos circuitos da droga.
- 5) Prevê-se ser aplicada a ideia Housing First para os sem-abrigo. Esta ideia promove a premissa de que para se tirar os sem-abrigo das Ruas é necessário primeiro dar-lhes uma habitação. Assim, é entregue a um sem-abrigo uma casa e também lhes é atribuído um tutor que os vai integrando em sociedade até à sua reinserção total. Cerca de 24 técnicos estarão envolvidos nesse programa.

Relativamente aos resultados do PDCM, segundo um inquérito realizado pela CML:

Mais de 90% dos residentes na Mouraria consideram que o bairro mudou bastante desde que se iniciou o plano de desenvolvimento comunitário no local. De acordo com o inquérito, realizado no final de 2013, 92% dos inquiridos consideram ter havido mudanças, dos quais 72% afirmam que o que mudou para melhor foram as obras no edificado, os transportes, a acessibilidade e a limpeza do bairro.

Para 23%, a intervenção na Mouraria não piorou, mas também não melhorou, nomeadamente no que respeita ao vandalismo e ao mau ambiente no bairro.

Indicou João Menezes, na apresentação desses resultados, que nestes três anos foram criados mais de 200 empregos na Mouraria e mais de 40 empreendedores, surgiram visitas cantadas ao bairro, o roteiro das tascas e restaurantes, visitas guiada para pessoas com dificuldade de mobilidade e instalada sinalética que permite às pessoas fazerem uma visita à Mouraria por si próprias.

Apesar dos aspetos positivos salientados pela câmara a percepção individual de Nuno Franco aponta áreas de desafio. Refere Nuno Franco que:

Na minha opinião, apesar de tudo, o bairro continua fechado sobre si mesmo. Os Moradores ‘não sabem nem querem saber’ as iniciativas que por lá se passam. Vêm-nas como sendo para outros... Apesar de novos moradores que por lá se instalaram, (porque a habitação ainda é barata e já tem WCs e etc.), os moradores antigos vêem os outros e visitantes como uma ‘tribo’ diferente... Existe ainda um estigma de pertencer à mouraria por ser um ambiente de ‘faca na liga’. Morar na mouraria ainda é factor de exclusão.

A população do bairro gosta de fados e marchas, são fechados, simples e humildes. São incultos, desconfiados e pensam para já em sobreviver... Querem manter o rendimento mínimo, os subsídios e os biscates. É uma população subterrânea, crianças, pais e avós... Muitas vezes as avós foram prostitutas. São xenófobos com a população emigrante que é na sua maioria do Bangladesh, Paquistão, Nepal, poucos ciganos e romenos e gente da Guiné e São Tomé... Emigrantes que muitas vezes são clandestinos e não se misturam. Todos mudaram a face da mouraria.

Na maioria das vezes as os moradores não gostam das associações que trazem dinâmicas novas e novas ideias. Por exemplo o Gaia e a Barbuda foram expulsos da mouraria, não os deixaram trabalhar... A associação Dinamizar a Mouraria por outro lado é respeitada porque promove actividades e atrai as pessoas com borlas (Ex: a 1ª cerveja ou a bifana é grátis).

É contudo inegável a maior abertura desse território à cidade muito por intermédio de iniciativas culturais promovidas por atores do Setor Cultural e Criativo que aí se instalaram.

Os resultados de ambos os estudos parecem indicar que são dimensões comuns para o sucesso de programas de inclusão social as questões do emprego, empregabilidade e empreendedorismo social, a valorização pessoal e identitária, a questão do território, as raízes familiares e os modelos positivos, a educação e a formação com estímulo à participação cívica, e a abertura a novos mundos como forma de enriquecer perspetivas e reforçar a criatividade. Podemos concluir que a agregação de todas estas dimensões num projecto de inclusão trará maior potencial de sucesso à iniciativa.

### 3.7 Matriz de sucesso dos casos observados

<b>Categorias</b>	<b>Escolhas (inclusão jovens)</b>	<b>Renovar a Mouraria/AiMouraria (território)</b>
O que são?	- Inclusão social de crianças e jovens dos 16 aos 24 anos - Essencialmente segunda e terceira geração de emigrantes	- Plano de Regeneração Social (focado nos residentes e comunidades com abertura da comunidade ao exterior) - Plano de regeneração dos edifícios e espaços públicos
O que fazem?	Promovem a diminuição do abandono escolar, a valorização pessoal facilitando um futuro às 2 <sup>as</sup> e 3 <sup>as</sup> gerações de emigrantes desviando-os do potencial do crime e da criminalidade.	Promovem a regeneração social e material da Mouraria. Devolvendo o território à cidade e integrando socialmente residentes e comunidades da Mouraria.
Como se lançaram?	Por iniciativa governamental, após dar-se muita antena mediática a um crime cometido na linha de cascais por emigrantes de 2 <sup>a</sup> geração. O governo, na altura, sentiu-se pressionado a apresentar um plano.	Por iniciativa de cidadãos, num verdadeiro movimento de cidadãos, que ganharam o orçamento participativo com propostas que chamaram a atenção da CML levando-a a coordenar o PDCM.
Articulação com o Estado	O Programa Escolas	O PDCM é financiado por fundos do QREN.
Dimensões em que atuam	Formação Valorização Pessoal Empreendedorismo Empregabilidade Cidadania Família	Emprego Empreendedorismo Promoção Cultural
Resultados	Num inquérito de avaliação do Programa mais de 70% considera que vê a sua vida melhorada por consequência % consideraram muito positiva da participação no Escolhas.	Num inquérito da CML, mais de 90% dos residentes e comunidades da Mouraria consideram que o bairro mudou desde o início do PDCM.

## IV- BOAS PRÁTICAS PARA AS ICCS COM ENFOQUE NA INCLUSÃO SOCIAL

### 4.1 Considerações Gerais

Ainda que com eventuais aspetos a melhorar, ambos os casos- Escolhas e Mouraria- evidenciam boas práticas na promoção da inclusão social. E de fato são referenciados pelos próprios entrevistados neste estudo como casos de sucesso pelas metodologias que utilizam.

Graça Fonseca, por exemplo, referencia o projecto da Mouraria pela capacidade de reconversão de um território estigmatizado, tornando-o socialmente e economicamente mais interessante:

Projeto interessante desse ponto de vista: O projeto Mouraria-Intendente trabalha numa lógica de federação que une vários projetos que trabalham em conjunto e têm uma verba muito relevante para ações sociais, formações, ações de empreendedorismo, no fundo fazer a reabilitação do espaço público, a reconversão das pessoas ou seja a forma como as pessoas se vêm a si próprias quer a nível individual quer de bairro, deixar de ser uma comunidade estigmatizada, mudar a perceção das pessoas lá dentro. O espaço físico, a reabilitação do espaço público e a forma como as pessoas se vêm a si próprias mudou completamente, hoje em dia se for agora a programação de verão e se for aos festivais da mouraria estão milhares de pessoas e as pessoas já lá vão.

É indubitável que esta regeneração da Mouraria acontece muito por força das lógicas promovidas pelo setor cultural e criativo. Por exemplo, na capacidade de redefinir a noção de competências e/ou talentos, e de olhar para as pessoas pelo que elas têm e não pelo que lhes falta. Poder-se-á dizer que as indústrias culturais e criativas por terem na sua génese a inovação e a criatividade mais facilmente libertam-se do ‘espartilho’ das considerações, conceitos e regras do mercado, apresentando novas lógicas de ser e fazer, que facilitam a inclusão dos ‘modos alternativos’ e reinventam a realidade. É esta a observação de Nuno Franco que considera as ICCs uma oportunidade neste campo:

(...) há pessoas que desenvolveram bem competências na área do conhecimento digital, e há outras que só desenvolveram competências na área da música, da culinária, ou outras áreas não académicas. Acho que as indústrias criativas nesta zona

(algumas associações como é o caso da Largo Residências, ou a ARM), têm dado muitas oportunidades a estas pessoas consideradas menos bem preparadas.

De acordo com Graça Fonseca:

(...) Na mouraria está talvez o único Sr. que recupera máquinas de costura antiga. (...) Não há os sem talento e os com talento... Todos têm talento e não é exclusivo aos que têm formação. Os que as cidades têm de fazer e descobrir os talentos e fazer com que estes se transformem em algo real para a cidade.

Rosário Farmhouse, na entrevista que gentilmente concedeu, partilhou um caso de um jovem Escolhas com um talento outrora ‘marginal’, que conseguiu reintegrar-se socialmente por via do seu talento. Agora tem uma empresa, no sector cultural e criativo, que promove a inclusão de casos semelhantes. Falamos de:

O!Arte. De um jovem que já esteve preso e que sempre foi um óptimo *graffiter* que transformou o que antes era vandalismo em arte e gere agora uma empresa com outros funcionários de registos ‘semelhantes’. São contratados por várias autarquias para dar voz a murais degradados e/ou tirar *graffitis* impróprios;

Além da relevância económica para as cidades que agora se pretendem Culturais e Criativas, além da possibilidade de integração de ‘diferentes’ talentos, além do fato de aproximar pessoas de diferentes mundos, as Culturais e Criativas parecem facilitar processos de inclusão sem a aniquilação do outro na medida em que pretendem colocar a descoberto potenciando e não camuflando ou escondendo.

A regeneração operada pelas criativas no território promove a ideia de ‘construir por cima de...’ Veja-se por exemplo os trabalhos artísticos de Vihls em prédios degradados, e/ou as próprias escolhas dos artistas e freelancers das áreas culturais e criativas pela reconversão de espaços degradados com potencial para se tornarem algo maior preservando contudo as suas características iniciais (Ex: Lx Factory).

O projecto Mouraria demonstra que a cultura e a arte aproximam pessoas e comunidades sem aniquilação cultural. As visitas cantadas, as exposições fotográficas, as iniciativas culturais diversas levam novos visitantes à mouraria abrindo o território ao exterior. O Programa Escolha demonstra que a arte funciona como um isco para a inclusão social tendo sido esta considerada uma das ferramentas que mais interesse desperta nos jovens Escolhas.

#### 4.1 Índice de Boas Práticas para as Indústrias Criativas com Enfoque na Inclusão Social

Registei como boas práticas para a inclusão social nas Indústrias Culturais e Criativas (e outras) as seguintes:

- 1) Trabalhar com as comunidades que se pretende incluir. Pedro Moreira da EGEAC, refere que:

Esse sucesso decorre sempre da estratégia que se venha a definir: ou seja trabalhar com e não trabalhar para, isto é, os projetos deverão ser construídos em conjunto e não decorrerem de uma imposição de características, valores e/ou tendências.

Também é esta a visão de Cláudia Pedra que reforça a importância do envolvimento de todos os *Stakeholders*:

quando nós construirmos um projecto temos de ter em conta como maximizar impactos positivos e minimizar os negativos. Nós temos de ter muita certeza de que a maneira como estamos a desenhar um processo não vai criar mais impactos negativos que positivos. Isso passa por ver o processo de uma forma holística envolvendo todos os *stakeholders* e ter visões multidisciplinares.

Por exemplo eu faço investigação sobre tráfico também, e quando fui ao Brasil percebi que o desenvolvimento urbanístico estava a criar grave problemas de tráfico humano. Porquê? Porque quando se abrem novos caminhos para algo que tem de estar pronto em 3 meses veem vítimas de tráfico... Isto é um exemplo claro de que um processo que parece ser normal e positivo pode trazer impactos negativos que não foram acautelados. Se tivessem sido envolvidos todos os *stakeholders* isso teria sido identificado.

Reforça ainda Cláudia Pedra acerca da necessidade de envolver todas as partes interessadas:

(...) se incluirmos o público-alvo será mais fácil e podemos conseguir uma boa inclusão.'...

‘Quando se pensa vou incluir a comunidade cigana ou vou incluir a comunidade cabo-verdiana e temos uma série de portugueses a fazer os planos de ação vai com certeza dar mau resultado.

- 2) Incluir sem ‘colonizar’ o outro reforçando os seus valores identitários percebendo a sua história, como refere Nuno Franco da Renovar a Mouraria:

O caso mais paradigmático é o da sua convivência entre o Fado que com a sua carga atual de Património Imaterial da Humanidade que poderia anular toda a vivência das comunidades oriundas da Ásia que aqui habitam, e que preferem ou Bollywood ou música tradicional do país de origem (...) Tem até sido estimulada nos últimos 4 anos esta inclusão através não só do Festival Todos, mas também de outras actividades que aproximaram as comunidades de um lado e do outro proporcionando um maior conhecimento da cultura dos diversos povos que habitam este território.

- 3) Observar e potenciar o que de positivo já existe, por exemplo os talentos. Refere Graça Fonseca:

A inclusão deve ser natural ou seja deve ser feita através de um talento ou uma arte que a pessoa tem. Se conseguirmos isso terá a melhor chave de sucesso...

- 4) Alargar as oportunidades, desenvolvendo as competências e o acesso a alternativas. De acordo com Nuno Franco é necessário:

(...) criar oportunidades, estimular, e orientar as pessoas para workshops, ou sessões que lhes apresentem perspetivas novas, utilizando por vezes meios culturais como forma de os envolver mais.

Refere também que nem sempre resulta como gostaríamos:

Sinto-me à vontade para afirmar que muitas vezes a condição económica e cultural não abona nada para que os indivíduos evoluam. No caso de muitos dos habitantes da Mouraria a posição social é resultado das suas escolhas. Nos últimos dois anos têm sido dadas imensas oportunidades a prostitutas, toxicodependentes, indivíduos desempregados, com subsídios ou com RSI, etc. e o que noto é que muitas pessoas escolhem viver da mesma maneira, sem ao menos tentar sair do estado em que estão por mais oportunidades que hajam há sua volta.

Mas também há casos de pessoas que querem aprender a ler e a escrever, ou deixar de se prostituir, ou aceitar cursos de formação e ofertas de trabalho. Na verdade há muitas pessoas que preferem viver como sempre viveram.

- 5) Daí poderá decorrer a necessidade de reforço da valorização pessoal e autoestima que influi diretamente na capacidade para ‘agarrar’ oportunidades:

A valorização cultural e pessoal é elementar no processo de inserção. O individuo tem de se sentir capaz, valioso, com um papel e uma actuação... A auto-estima é determinante para afastar pessoas da marginalidade e da criminalidade.(...)

(...) É preciso ser capaz de reconhecer A oportunidade que nestas vidas são menores e portanto há que agarrá-las quando estas surgem.

Muitos não saem do contexto porque não reconhecem A oportunidade ou porque (por falta de auto-estima) não acham que sejam para ‘eles’ perpetuando o ciclo de exclusão. Este é um trabalho que pode demorar gerações... Se o filho ficar um pouco melhor que os pais, já é bom...

Rosário Farmhouse- ACIDI/ESCOLHAS

- 6) Promover as questões de cidadania e participação social. De acordo com Pedro Calado, Coordenador do Programa Escolhas:

Um dos factores chaves para o sucesso na inclusão é a responsabilização do individuo sem culpabilizá-lo e desenvolvimento dos comportamentos morais, cognitivos, sociais, pessoais pela integração positiva e desenvolvimento identitário positivo.

- 7) Dar mundivisão. Permitir a descoberta do novo. Porque:

A cultura é um berço forma cidadãos e jovens com capacidades diferentes com mais mundos e com isso com capacidade de criar fazer acontecer e portanto de gerar emprego e valor económico. Pessoas com mais mundo criam oportunidades, vem novas soluções, são mais empreendedoras.

Luis Matos- Director da Audax

Dar mundivisão pode também estar relacionado com o alargamento de perspetivas que facilitam a compreensão do outro. Pedro Calado conta-nos um caso de inclusão por via da dança no projecto Escolhas:

Um projecto interessante desenvolvido tendo a dança como pano de fundo. Chamava-se ‘Da Rua para o Palco’ e contou com a 3 bailarinas profissionais da Academia Alcantara e 3 bailarinas amadoras de um bairro social. Encontrou-se a disciplina com o improvisado, o rigor com a espontaneidade... Funcionaram primeiro como um íman de repulsa e com

ataques constantes. As bailarinas profissionais, pontuais e rigorosas não percebiam porque teimavam as outras por chegar tarde. As bailarinas amadoras não percebiam o que parecia ser a obsessão das profissionais... No fundo encontraram-se a meio percebendo as diferenças dos dois mundos.

- 8) Promover o sonho e ambição. Para Rosário Farmhouse do ACIDI-Escolhas, isto está relacionado com as referências que cada um tem:

(...) a necessidade de novos modelos/referências; a necessidade de observar o que distingue os que têm sucesso.

Mas também conhecendo os aspetos culturais:

Bom, a cultura portuguesa não ajuda à inserção porque mata o excelente, gosta de ser vítima, baliza por baixo e fica ao nível do sofrível. Qualquer atuação de inserção tem de conciliar amor com rigor para ser mais exigente com os que beneficiam das medidas e com os que procuram a inserção. Por exemplo ainda é comum em diversas autarquias dar-se uma segunda casa a famílias de ciganos que se multiplicam, quando o expectável seria que os filhos de segunda geração (e família adquirida) trabalhassem e se esforçassem para a sua casa própria casa. Isto é algo que só é travado com fortes intervenções ao nível da cidadania, dos direitos e dos deveres.

Rosário Farmhouse- ACIDI/ESCOLHAS

- 9) Trabalhar resiliência e determinação. Romper com a vitimização apesar dos diferentes pontos de partida.

Eu não sei se quem parte de sítios diferentes chega ao mesmo lugar, poderá chegar ou não... Sei que quem parte dos mesmos locais muitas vezes chega a sítios diferentes. Socialmente e culturalmente... Estou convencido, certo não estou, mas estou convencido que termos contextos diferentes ou contextos diversificados durante a nossa formação e ao longo da vida isso vai-nos criar mundos e seremos melhores profissionais...

Luis Matos- Director da Audax

- 10) Ser relevante e acrescentar valor do ponto de vista económico e social e planear caminhos de auto-sustentabilidade

‘...na minha opinião, as indústrias culturais sempre se viram insuficientemente a si próprias como indústrias económicas. E acho que isto é algo que está a pesar e acho que as próprias indústrias culturais vão acabar por perceber que eles têm e sempre tiveram um papel muito próprio do ponto de vista da economia do País. Também é evidente que o poder público perceba que estas indústrias culturais são importantes para a economia.’

Graça Fonseca, CML

O tema da sustentabilidade é aliás muito sensível. Existem os que creem na dificuldade de sustentabilidade de projetos focados na inclusão social por inerência das actividades desenvolvidas pelos próprios projetos; outros acreditam que o que falta é estimular o planeamento de sustentabilidade de longo prazo rasgando com a dependência de financiamento.

Nuno Franco entende que é possível trabalhar-se sem financiamento mas só o financiamento permite um trabalho mais estruturado:

A associação Renovar a Mouraria funcionou de 2008 a 2011 sem qualquer tipo de ajuda ou financiamento a não ser investimento pessoal e à custa de trabalho efetuado mas sempre com muitas dificuldades e a ter de trabalhar com imaginação, talvez um dia tenha que o fazer de novo mas com dificuldades. Penso que as atuais estruturas, e estou a falar de todas as que integram o PDCM, precisarão de financiamentos porque é a única maneira de se fazerem coisas cada vez mais objetivas que sirvam a população, e que tenham um real impacto.

Cláudia Pedra, assume que muitos dos projetos financiados pela BVS, findo os dois anos de financiamento pela BVS, procuram novas formas de financiamento:

Nós não conseguimos garantir como o mercado responde às organizações mas a maior parte delas consegue manter-se porque procuram outros meios de financiamento. Também porque durante dois anos ajudamo-las a garantir a sustentabilidade através de fontes de diversificadas de financiamento.

Fazemos capacitação para que eles procurem outras formas de financiamento... Explicamos como apresentar de forma mais atrativa um projecto, como trabalhar a relação com um potencial investidor, etc. Mas não é nossa missão trabalhar com eles a parte da sustentabilidade extra bolsa.

Alguns são negócios sociais e outros não... Há projetos terapêuticos por inerência com elevados custos. Há projetos de formação auto-sustentáveis.

Pedro Moreira, acredita que os projetos devem começar a planejar a sua autosustentabilidade desde o momento zero mas não rejeita a importância do financiamento inicial:

Os projetos deverão ser sempre encarados numa perspectiva de continuidade, persistência, permitindo com o tempo firmarem-se, sedimentarem-se e começarem a apresentar resultados. Existe muito a política de um financiamento a curto prazo que não possibilita que um projecto desenvolva as várias faces do seu processo, morrendo pouco depois.

Finalmente, Graça Fonseca considera que:

(...) é importante o financiamento, percebo quem defende que as indústrias culturais não podem ser rentáveis, não quer dizer que concorde, precisamente esse é o paradigma em que temos vivido. O que eu defendo é: tem de ser financiado não na lógica do apoio mas baseado no suporte económico.

Encontradas as melhores práticas para a inclusão social importa também perceber como implementá-las no terreno. Também, e mais desafiante ainda, importa perceber como garantir a autosustentabilidade dos projetos; via que me parece a mais difícil mas também a mais poderosa para o contexto da inclusão e para a economia social. Uma vez que é o garante da total independência dos projetos permitindo aos stakeholders a total liberdade para construir a sua visão.

## V- CONCLUSÕES

Ao finalizar o trabalho de projecto, confesso-me mais esclarecida relativamente as questões de partida que me propus responder.

Serão a Criatividade, a Cultura e a Arte bons promotores de uma nova economia social mais inclusiva? De que forma podem as Indústrias culturais e criativas participar na construção de sociedades mais inclusivas?

De fato conclui-se que a Cultura e a Arte, em particular as indústrias culturais e criativas, aproximam pessoas, dão-lhes novas perspectivas, integram e tornam 'normais' vias marginais. Porque são disruptivas e desformatam conceitos, permitem repensar e reinventar realidades. Essencialmente são agregadoras e portanto conseguem responder de forma eficaz a uma série de problemáticas. Podem não representar a única solução para a inclusão social que obriga sempre a políticas de fundo com o envolvimento de todas as áreas da sociedade. São contudo excelentes instrumentos porque alteram os lugares, as pessoas nelas envolvidas e têm o potencial para 'rasgar' com modelos sociais que já não servem as pessoas; assim:

- 1) São disruptivas e propõem novos produtos e serviços, numa lógica de sustentabilidade;
- 2) Alteram os locais onde se inserem de forma marcadamente positiva;
- 3) Propõem modelos de trabalho flexíveis;
- 4) Atraem, integram e ativam todo o tipo de talentos e competências;

Para garantir o sucesso do meu projeto inserido no sector cultural e criativo com enfoque na inclusão social, terei como bases os seguintes aspetos:

- 1) Envolver todas as partes interessadas e trabalhar com elas; por exemplo através de um modelo mais comunitário/cooperativo (ex: Cozinha Comunitária, da Mouraria)
- 2) Permitir a inclusão sem colonizar, percebendo a história de cada cultura e pessoa e valorizando os seus costumes culturais;
- 3) Alargar as oportunidades e os recursos, permitindo o acesso, formando e desenvolvendo competências;
- 4) Trabalhar a valorização pessoal e autoestima, Quer através da gestão positiva dos recursos, quer de outros meios de desenvolvimento pessoal e profissional;
- 5) Promover a cidadania e participação social, envolvendo as pessoas;
- 6) Dar Mundivisão e partilhar referências e modelos. Possível de diversas formas, uma das quais a de chamar exemplos a testemunhar e contar a sua história;
- 7) Trabalhar resiliência e determinação, promovendo os casos de sucesso e dando maior enfoque às 'pequenas conquistas', porque os pontos de partida importam;

- 8) E finalmente, garantir formas de autosustentabilidade, construindo um bom plano de negócios que preveja a obtenção de lucro pela transação de produtos/serviços.

De qualquer forma, deverá ser também dado assente para o investigador que existem sempre variáveis que estão fora do seu controlo, pelo que, o trabalho acabará por reunir apesar do seu esforço, algumas limitações. A este gesto de humildade deve ser associada a ideia de que as brechas existentes numa investigação são também positivas, na medida, em que podem servir de ponto de partida para novas investigações.

Desde que assim se pretenda, uma investigação nunca está concluída e pode sempre servir de base para o surgimento de novas inquietações e consequentes estudos, daí que a investigação seja sempre incompleta por natureza e daí a sua riqueza particular.

Verificamos duas experiências diferentes que chamam à intervenção abordagens focadas nas pessoas, nas culturas e nos territórios. São projetos de inclusão social e devem refletir algumas destas matrizes.

Reuniu-se algumas ‘boas práticas’ com base no estudo de casos com sucesso e em entrevistas diversas. Mas tratam-se contudo de programas financiados pelo estado portanto mais focados no propósito independentemente do lucro. E importa percebê-los mas quando tentamos integrar estas práticas no campo das ICCs será que são possíveis? Serão sustentáveis? Serão as Indústrias Culturais e Criativas com enfoque na Inclusão Social autosustentáveis? Esta seria talvez a mais relevante questão para trabalhos futuros.

Este trabalho que foi realizado foi relevante porque articula uma área que é cada vez mais uma aposta dos governos - o sector cultural e criativo- com outra necessidade cada vez mais premente- a da inclusão social- para um propósito cada vez mais necessário – a promoção de uma economia social. Este documento pode importante para todos aqueles que ambicionam abrir um negócio social do sector criativo e com enfoque na inclusão, e esperamos convictamente que possa contribuir, em maior ou menor grau, nos seus projetos.

Certamente contribuiu para definir as bases sobre as quais irei eu construir o meu projecto no sector das ICCs e com enfoque na inclusão social.

## BIBLIOGRAFIA

- Bardin, L. (2004). *Análise de conteúdo* (3ª ed.). Lisboa: Edições 70.
- Bogdan, R., & Biklen, S. (1994 [1991]). *Investigação Qualitativa em Educação. Uma Introdução à Teoria e aos Métodos*. Porto: Porto Editora.
- BOURDIEU, Pierre. (1994). *O poder simbólico*, Difel.
- Castro, José; Gonçalves, Alda (2002), “A Rede Social e o Desenvolvimento Local. Parcerias Sociais e Planeamento Participado”, *Cidades- Comunidades e Territórios*, Jun, n.0 4, 71-82
- Capucha, Luís, et al. (2005), *Desafios da Pobreza*, Oeiras, Celta Editora
- Denzin, Norman e Lincoln, Yvonna. (1994). *Handbook of Qualitative Research*. Sage Publications
- Florida, RICHARD. (2002). *The Rise of the Creative Class: And how It's Transforming Work, Leisure, Community and Everyday Life*, Basic Books.
- Fonseca, Maria. 2013, *Neighborhood integration in European Multi-ethnic cities. Geitonies*.
- Gaskell, George and Einsiedel, Edna and Hallman, William and Priest, Susanna Hornig and Jackson, Jonathan and Olsthoorn, Johannus (2005) *Social values and the governance of science Science*, 310 (5756). 1908-1909. ISSN 0036-8075
- Gésero, Paula (2012). *O Espaço é o Lugar*. Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto Número temático: *Imigração, Diversidade e Convivência Cultural*, 2012, pág. 163-184
- Guerra, I. (2006). *Pesquisa qualitativa e análise de conteúdo*. Estoril: Principia Editora.
- Hartley, John (2005). *Creative Industries*. Blackwell Publishing
- Matarasso, François. (1996). *Defining Values: Evaluating Arts Programmes*. Comedia Publications Limited.
- Proença, Carlos Sangreman. (2005). *A exclusão social em cabo verde: uma abordagem preliminar*. Lisboa, ACEP — Associação para a Cooperação entre Povos, Centros de Estudo do Instituto Superior de Economia e Gestão da Universidade Técnica de Lisboa, 2005. p. 1-73.
- Reichardt, Charles; Cook, Thomas (1986). *Métodos cualitativos y cuantitativos en investigación evaluativa*. Madrid: Morata.

Serge, Paugam (2003) A desqualificação social. Ensaio sobre a nova pobreza. Coleção Educação e Trabalho social 6. Porto: Porto Editora

SOUZA, Jessé. (2011) A ralé brasileira: quem é e como vive. Belo Horizonte: UFMG.

SOUZA, Jessé. (2006) A construção social da subcidadania: para uma sociologia política da modernidade periférica. Belo Horizonte: UFMG, 2006

YIN, Robert (1994). Case Study Research: Design and Methods (2ª Ed). Sage Publications

## **ANEXOS**

**Nota: As entrevistas aqui apresentadas foram reduzidas no seu conteúdo.**

## **ANEXO A – Entrevista a Rosário Farmhouse, Directora Geral do ACIDI (Programa Escolhas)**

- Como surgiu o Projeto Escolhas?

Surge após um crime na linha cascais, efetuado pela segunda geração de emigrantes e que ganha grande visibilidade mediática, relativamente ao qual Paulo Portas, na oposição na altura, faz fortes discursos anti-emigração. O Governo da altura sente que tem de atuar para ‘calar’ estas observações e cria o Programa Escolhas dirigido às segundas gerações de emigrantes e grupos mais vulneráveis. Atualmente o programa Escolhas tem 11 anos...

- Como se articulam os diversos projetos?

O programa escolhas atua como um consórcio que gere vários parceiros locais e globais. Os projetos candidatam-se a propostas de financiamento. As intervenções são feitas à medida das necessidades de cada local e são todas diferenciadas sendo partilhas as melhores práticas como num laboratório vivo de metodologias. Na última edição do Escolhas (referente a 2013) foram recepcionadas 267 candidaturas das quais 110 foram aprovadas.

O Programa Escolhas por ser financiado (e garantir financiamento) obedece a bastante rigor na monitorização. Importa perceber porque funciona e onde funciona sendo para isso feita a medição de alguns indicadores como o sucesso escolar, o emprego, a formação, a participação em diversas iniciativas, etc.

- A quem se dirige o Programa Escolhas?

O Programa escolhas dirige-se a jovens de 16 aos 21 anos (grosso modo 16-19 anos) e verifica-se que tem uma grande identidade havendo jovens que dizem ‘eu sou Escolhas’. O Nome tem esse significado amplo de que tudo na nossa vida são escolhas. Pretende-se responsabilizar esses jovens pelas suas escolhas. Não acontece sem esforço e vontade de ambas as partes- a que se insere e a ‘inserida’.

- E atuam com a cultura a criatividade e a arte como ferramenta?

Temos alguns projetos que usam a cultura, a criatividade e a arte como ferramenta e que já caminham pelos próprios pés. Exemplos:

- Batoto Yeto: Insere Jovens com recurso à dança tribal e pela afirmação das raízes;
- Guia Turismo Bairro Alto: apresentam o Bairro Alto a Turistas e toda a sua história e locais emblemáticos;

- O!Arte: De um jovem que já esteve preso e que sempre foi um óptimo *graffiter* que transformou o que antes era vandalismo em arte e gere agora uma empresa com outros funcionários de registos ‘semelhantes’. São contratados por várias autarquias para dar voz a murais degradados e/ou tirar *graffitis* impróprios;
- Outro projeto pontual mas de muito sucesso com recurso à cultura, foi a Orquestra do Bairro do Cerco do Porto: Bairro pesadíssimo onde a polícia não entrava, e que através da música e do Escolhas, juntou polícias, crianças e jovens numa orquestra. Facilitando novas pontes entre a polícia e os cidadãos...

- Que ‘chaves’ considera elementares em projetos de inclusão social?

Alguns que enalteço:

- A valorização cultural e pessoal é elementar no processo de inserção. O individuo tem de se sentir capaz, valioso, com um papel e uma atuação... A auto-estima é determinante para afastar pessoas da marginalidade e da criminalidade. Para isso o Escolhas atua por exemplo com psicologia nas escolas e/ou ações locais que tendam quebrar ciclos de modelos e referências errados mostrando modelos e referências corretos. Fizemos um livro de 365 jovens Escolhas que vieram de circunstâncias inimagináveis e têm muito sucesso. Pretende-se com isto mostrar que é possível ser diferente da ‘mãe’, do ‘pai’, dos ‘meninos do bairro’...
- Outra das chaves que o Escolhas tem observado neste ponto em particular é o quanto a mãe determina a ‘estrutura’ do filho. É portanto muito condicionador o papel da mãe.
- Também a ausência do sonho e de referências; a necessidade de novos modelos/referências; a necessidade de observar o que distingue os que têm sucesso.

- Nesta observação sobre o sucesso, podemos considerar que o ponto de partida importa?

O Escolhas tem vindo a premiar os melhores alunos escolhas mas não só! Também são premiadas as maiores evoluções, porque o ponto de partida importa!

- Que dificuldades existem?

Bom, a cultura portuguesa não ajuda à inserção porque mata o excelente, gosta de ser vítima, baliza por baixo e fica ao nível do sofrível. Qualquer atuação de inserção tem de conciliar amor com rigor para ser mais exigente com os que beneficiam das medidas e com os que procuram a inserção. Por exemplo ainda é comum em diversas autarquias dar-se uma segunda casa a famílias de ciganos que se multiplicam, quando o expetável seria que os filhos de

segunda geração (e família adquirida) trabalhassem e se esforçassem para a sua casa própria casa. Isto é algo que só é travado com fortes intervenções ao nível da cidadania, dos direitos e dos deveres.

- O que é 'incluir'?

É o alargamento das oportunidades mas não só... É preciso ser capaz de reconhecer A oportunidade, que nestas vidas são menores e portanto há que agarrá-las quando estas surgem. Muitos não saem do contexto porque não reconhecem A oportunidade ou porque (por falta de auto-estima) não acham que seja para 'eles' perpetuando o ciclo de exclusão. Este é um trabalho que pode demorar gerações... Se o filho ficar um pouco melhor que os pais, já é bom.

Muito Obrigada!

## **ANEXO B – Entrevista a Pedro Calado, Coordenador do Programa Escolhas**

- Que fatores são chaves para o sucesso na inclusão?

Um dos fatores chaves para o sucesso na inclusão é a responsabilização do individuo sem culpabilizá-lo e desenvolvimento dos comportamentos morais, cognitivos, sociais, pessoais pela integração positiva e desenvolvimento identitário positivo.

É também importante conhecer-se a história e a cultura dos grupos. Por exemplo os Ciganos, são perseguidos há mais de 500 anos. Talvez por isso sejam uma comunidade fechada com costumes particulares que promovem a preservação da cultura mas dificultam imenso a inclusão.

- Como intervém?

Através de um consórcio que colabora de três formas:

- Sinalizando os casos e as necessidades;
- Disponibilizando de recursos (transporte, espaço, técnicos, materiais para atividades, etc.);
- Finalmente, na realização de atividades/ações/formações, exclusiva ou não, para públicos ou equipa técnica dos projetos.

Esta colaboração/disponibilização é muitas vezes cumulativa em particular no caso das escolas e autarquias.

- Consegue indicar um ou dois projetos Escolhas que tenham trabalhado a inclusão por via da cultura e da Arte?

Sim. Um projeto interessante desenvolvido tendo a dança como pano de fundo. Chamava-se 'Da Rua para o Palco' e contou com a 3 bailarinas profissionais da Academia Alcantara e 3 bailarinas amadoras de um bairro social. Encontrou-se a disciplina com o improviso, o rigor com a espontaneidade... Funcionaram primeiro como um íman de repulsa e com ataques constantes. As bailarinas profissionais, pontuais e rigorosas não percebiam porque teimavam as outras por chegar tarde. As bailarinas amadoras não percebiam o que parecia ser a obsessão das profissionais... No fundo encontraram-se a meio percebendo as diferenças dos dois mundos.

Muito Obrigada!

### **ANEXO C – Entrevista a Nuno Franco da Associação Renovar a Mouraria**

- Como Surge a Associação Renovar a Mouraria?

Nasce em 2008 com a ambição de transformar o Bairro da Mouraria. Especificamente as problemáticas do tráfico de droga a céu aberto, prostituição, solidão dos idosos, abandono escolar, ruas desorganizadas e um espaço físico que facilita o tráfico, prédios devolutos, jovens que saem do bairro e têm vergonha da mouraria (não se identificam), violência doméstica, caos no estacionamento.

A Renovar Mouraria é formada por um conjunto de cidadãos que chamou à atenção da CML e do Governo com a entrega de uma petição com milhares de assinaturas num verdadeiro movimento de cidadão que surge após a proposta de Sónia Barradas ao Orçamento participativo. A Renovar a mouraria convidou a Sónia a integrar mais ideias no seu projeto (que se circunscrevia a projetos para o Turismo e Cultura)

- Como acontece o Plano de Desenvolvimento Local da Mouraria liderado pelo GABIP mas em muito despoletado por vós?

Foram atribuídos fundos do QREN para Mouraria executados em parte em 2012 e restante em 2013. Foi criado um Gabinete de Coordenação sob a tutela da CML: o GABIP, dirigido por João Menezes. Foram reunidos os parceiros para o diagnóstico e desenho das soluções para a Mouraria.

- O que achas que resultou?

Melhorou e continuam a resolver a questão do tráfico de droga com a ocupação do espaço público. O tráfico de droga na mouraria é feito por redes bem montadas que dão de comer a muita gente... A morfologia da mouraria permite a sua instalação - becos e ruas estreitas - ocupar o espaço público com amostras de arte, circuitos turísticos, novas associações e locais de encontro, atrapalha a atividade dos traficantes.

O surgimento de espaços novos e importantes associações como: O Largo, A Casa Achada, a Casa Independente, etc.

As atividades culturais e não só... Ronda das Tasquinhas, as Visitas Cantadas, a Ronda dos Restaurantes e Tasquinhas com Fado, os próprios Arraiais, etc. São ferramentas que aproximam as pessoas do nosso trabalho. São algumas das atividades previstas no bairro:

- Quadros/fotos de fadistas do bairro, da autoria da fotógrafa Camila Watser, colocadas nas paredes da mouraria;
- Circuito turístico pedonal guiado por pessoas do bairro em associação com organizações ligadas ao turismo.

Também há uma maior perceção de segurança, aliás os anjos terão em breve uma superesquadra.

- O que ainda persiste?

Na minha opinião, apesar de tudo, o bairro continua fechado sobre si mesmo. Os Moradores 'não sabem nem querem saber' as iniciativas que por lá se passam. Vêm-nas como sendo para outros... Apesar de novos moradores que por lá se instalaram, (porque a habitação ainda é barata e já tem WCs e etc.), os moradores antigos vêem os outros e visitantes como uma tribo diferente... Existe ainda um estigma de pertencer à mouraria por ser um ambiente de 'faca na liga'. Morar na mouraria ainda é fator de exclusão.

A população do bairro gosta de fados e marchas, são fechados, simples e humildes. São incultos, desconfiados e pensam para já em sobreviver... Querem manter o rendimento mínimo, os subsídios e os biscates. É uma população subterrânea, crianças, pais e avós... Muitas vezes as avós foram prostitutas. São xenófobos com a população emigrante que é na sua maioria do Bangladesh, Paquistão, Nepal, poucos ciganos e romenos e gente da Guiné e São Tomé... Emigrantes que muitas vezes são clandestinos e não se misturam. Todos mudaram a face da mouraria.

Na maioria das vezes as os moradores não gostam das associações que trazem dinâmicas novas e novas ideias que muitos rejeitam. Por exemplo o Gaia e a Barbuda foram expulsos da

mouraria, não os deixaram trabalhar... A associação Dinamizar a Mouraria por outro lado é respeitada porque promove atividades e atrai as pessoas com borlas (Ex: a 1ª cerveja ou a bifana é grátis).

- Na tua opinião, que oportunidades e desafios apresentam as Indústrias Culturais e Criativas (ICCs) para a área da inclusão social?

Serão sempre duas áreas muito importantes que contribuem de uma forma muito real para a inclusão social, e que têm sido amplamente utilizadas ao longo destes dois anos do PDCM como ferramenta de aproximação das comunidades (eu acompanho exemplos disso diariamente)

- Achas possível conseguir-se bons resultados na inclusão de todos sem amputar, colonizar ou anular características culturais das minorias?

Certamente! O caso mais paradigmático é o da sã convivência entre o Fado que com a sua carga atual de Património Imaterial da Humanidade que poderia anular toda a vivência das comunidades oriundas da Ásia que aqui habitam, e que preferem ou Bollywood ou música tradicional do país de origem, coisa que não acontece. Tem até sido estimulada nos últimos 4 anos esta inclusão através não só do Festival Todos, mas também de outras atividades que aproximaram as comunidades de um lado e do outro proporcionando um maior conhecimento da cultura dos diversos povos que habitam este território.

- Richard Florida fala dos 3 T's das cidades criativas (Tolerância, Tecnologia e o último o Talento). Como é que as Indústrias Culturais e Criativas na era da economia do conhecimento inclui os menos competentes e/ou com menor conhecimento (digital, linguístico, etc.)?

Não sou certamente a pessoa mais indicada para formular uma resposta a este assunto, mas creio que o Talento tem sido uma procura constante destes projetos sociais, em busca de pessoas com boas ideias e com talento para as concretizar, e fazer projetos. Não há pessoas incompetentes, há pessoas que desenvolveram bem competências na área do conhecimento digital, e há outras que só desenvolveram competências na área da música, da culinária, ou outras áreas não académicas. Acho que as indústrias criativas nesta zona (algumas associações como é o caso da Largo Residências, ou a ARM, têm dado muitas oportunidades a estas pessoas consideradas menos bem preparadas.

- Consegues apontar empresas ou projetos do setor Cultural e Criativo com excelentes resultados ao nível da inclusão? Que boas-práticas enalteces nesses projetos?

Sem dúvida alguma a Associação Renovar a Mouraria, a Largo Residências, o Centro em Movimento, que são os atores locais que mais trabalham com projetos criativos e culturais de grande importância na abertura do território.

- Consideras que as Indústrias Culturais e Criativas com enfoque na inclusão social conseguem ser sustentáveis?

A associação Renovar a Mouraria funcionou de 2008 a 2011 sem qualquer tipo de ajuda ou financiamento a não ser investimento pessoal e à custa de trabalho efetuado mas sempre com muitas dificuldades e a ter de trabalhar com imaginação, talvez um dia tenha que o fazer de novo mas com dificuldades. Penso que as atuais estruturas, e estou a falar de todas as que integram o PDCM, precisarão de financiamentos porque é a única maneira de se fazerem coisas cada vez mais objetivas que sirvam a população, e que tenham um real impacto.

- É muito promovida a ideia de que a condição económica e cultural e social depende de cada um e da atitude do indivíduo. A posição social de cada um é resultado das suas escolhas. Podemos de fato afirmá-lo pondo de fora as condições de 'partida' ou seja as condições das famílias de origem dos sujeitos?

Sinto-me à vontade para afirmar que muitas vezes a condição económica e cultural não abona nada para que os indivíduos evoluam. Mas no caso de muitos dos habitantes da Mouraria a posição social é resultado das suas escolhas. Nos últimos dois anos têm sido dadas imensas oportunidades a prostitutas, toxicodependentes, indivíduos desempregados, com subsídios ou com RSI, etc. e o que noto é que muitas pessoas escolhem viver da mesma maneira, sem ao menos tentar sair do estado em que estão por mais oportunidades que hajam há sua volta.

Mas também há casos de pessoas que querem aprender a ler e a escrever, ou deixar de se prostituir, ou aceitar cursos de formação e ofertas de trabalho. Na verdade há muitas pessoas que preferem viver como sempre viveram

- O que recomendas a novos projetos culturais e criativos com enfoque na inclusão social?

Ouvir as pessoas, estar no meio das pessoas, sair dos gabinetes, andar nas ruas do território alvo, ter um mediador comunitário atento, sentir o bairro, respirá-lo.

Muito Obrigada!

#### **ANEXO D– Entrevista a Luís Matos, Diretor da AUDAX**

- A cultura e arte são ferramentas de eleição para a inclusão?

A Inclusão pela arte é uma das soluções, não há um só caminho... A Orquestra geração é uma grande referência na inclusão pela arte. Haverão outros que por não serem comunicados não têm grande visibilidade. Num dos projetos em que estivemos envolvidos- o Mouraria Empreende- foi usada a inclusão pela arte.

A cultura é um berço forma cidadãos e jovens com capacidades diferentes com mais mundos e com isso com capacidade de criar fazer acontecer e portanto de gerar emprego e valor económico. Pessoas com mais mundo criam oportunidades, vêm novas soluções, são mais empreendedoras.

Outra ferramenta importante em termos de inclusão é por exemplo a participação em campos de férias temáticos.

- Os pontos de partida importam? Temos, todos, as mesmas oportunidades de criar?

Nós temos especialistas nesta matéria mas eventualmente ninguém sabe melhor que vocês investigadores neste tema... O que lhe vou falar é de uma visão prática da experiência... Bom, nós estamos convencidos que há variáveis no desenvolvimento dos jovens que importam:

- Os pais ou família,
- A escola e a comunidade,
- E depois o nosso ADN, o que vem connosco e que depois acaba por ser aquilo que estudamos e que mais trabalhamos e que nos tornamos (com mais ou menos academia).

Há estes 3 ecossistemas que poderão dar origem a quem nós somos.

Eu não sei se quem parte de sítios diferentes chega ao mesmo lugar, poderá chegar ou não... Sei que quem parte dos mesmos locais muitas vezes chega a sítios diferentes. Socialmente e culturalmente... Temos essa experiência de colegas de carteira que muitos partimos de lugares semelhantes e chegamos a pontos diferentes com mais ou menos fragilidades.

Estou convencido, certo não estou, mas estou convencido que termos contextos diferentes ou contextos diversificados durante a nossa formação e ao longo da vida, vai ajudar-nos a criar mais mundos e sermos melhores profissionais... Um consultor é tanto melhor quanto mais mundos teve.

(...)

Muito Obrigada!

## ANEXO E – Entrevista a Cláudia Pedra Consultora na Bolsa de Valores Sociais

- Como surgiu a BVS?

Bom, a bolsa de valores sociais surgiu em 2009 é a réplica de um projeto que surgiu inicialmente no Brasil, criada por um empreendedor social brasileiro que é o Celso Creto. A necessidade surgiu que surgiu no Brasil foi a seguinte: a Bolsa de Valores Brasileira sentiu a necessidade de apoiar projetos de responsabilidade social de uma forma abrangente. Em vez de apoiar projetos ambientais ou outros queria apoiar projetos de qualquer coisa que não fosse o seu *Core Business* e foram ter com o Celso e pediram-lhe que criasse de raiz o projeto. O Celso teve esta ideia simples e poderosa: Porque não cotar em bolsa projetos sociais? E portanto a ideia é precisamente esta... Os projetos sociais são cotados em bolsa só que para isso passam por um processo muito rigoroso de seleção. Um projeto que se candidata à BVS passa não só pelas candidaturas normais mas por uma série de avaliações: visitas ao terreno, auditorias, análises e etc. para verificar a qualidade dos projetos e se poderão ou não ser cotados em bolsa.

(...)

E isto tudo foi trazido para Portugal em 2009, projetos em qualquer ponto do País incluindo ilhas podem concorrer passam por este projeto exigente. E depois o conselho que é formado pelas 3 empresas fundadoras: a Euronext, a Fundação Gulbenkian e a Fundação EDP decidem sobre quais são as entidades que ficam listadas. Neste momento estão 27 projetos listados... Todos podem ver quais os projetos, o que são, qual o valor das ações e comprar as ações.

- Estou impressionada! E o envolvimento de quem investe é de fato muito importante. Na área de Lisboa que projetos tem do setor cultural e criativo?

Há bastantes e interessantes da área cultural. Há um que acho particularmente interessante... Aliás eu sou parcial e gosto de todos eles porque ajudei a selecioná-los. Mas em termos culturais, por exemplo um projeto cotado em bolsa que aliás já foi 100% financiado e que se chama audiodescrição: Ouço, logo vejo. Este é um projeto interessantíssimo criado pela Companhia de Atores baseada em Oeiras. A Companhia de Atores foi buscar uma metodologia que já é aplicada há mais de 30 anos no Reino Unido e também no Brasil, que basicamente descreve peças de teatro, exposições e outras peças visuais a pessoas cegas. E este trabalho é um misto de tradução, interprete com algo mais, porque um audiodescritor para descrever uma peça de teatro tem de falar com o encenador. É preciso explicar à pessoa cega que, por exemplo, ‘o palco está todo negro’ mas explicar porquê! É preciso explicar o posicionamento dos atores... E depois tudo isto é feito com inteligência e emoção... As pessoas sentem que viram... É um trabalho muito bom em termos culturais. É interessante porque não

faz só a inclusão dos cego, permitindo-lhes aceder a ofertas culturais que de outro modo não conseguiriam, mas também permite que os cegos participem no processo de formação. Isto porque a formação de audiodescritores inclui pessoas cegas que ensinam a audiodescrever o fenómeno de maneira a que seja compreensível para a pessoa que não vê e também cria uma profissão que não existia em Portugal.

Em Portugal temos mais de 600 mil pessoas cegas, por isso é um projeto efetivamente muito interessante.

- A sustentabilidade dos projetos é um grande desafio. Após o período de financiamento os projetos mantêm-se de forma sustentável?

A maior parte delas conseguem fazê-lo. Nós não conseguimos garantir como o mercado responde às organizações mas a maior parte delas conseguem manter-se porque procuram outros meios de financiamento. Também porque durante dois anos ajudamo-las a garantir a sustentabilidade através de fontes de diversificadas de financiamento.

Os projetos da Bolsa têm a vantagem de ter um selo de qualidade. Saem com um selo de qualidade.

- E que outras fontes de financiamento é que a Bolsa acaba por sugerir a esses projetos?

Fazemos capacitação para que eles procurem outras formas de financiamento... Explicamos como apresentar de forma mais atrativa um projeto, como trabalhar a relação com um potencial investidor, etc. Mas não é nossa missão trabalhar com eles a parte da sustentabilidade extra bolsa.

- É possível que estes projetos se autofinanciem?

Depende dos projetos. Alguns são negócios sociais e outros não... Há projetos terapêuticos por inerência com elevados custos. Há projetos de formação auto-sustentáveis.

- Por exemplo os audiodescritores?

Por exemplo os audiodescritores estão a tentar vender o projeto como um serviço para os teatros e centros de exposição. Mas é difícil...

Um exemplo de projeto dependente de fundos: um projeto para deficientes mentais em que as próprias famílias também tinham deficiências. Um projeto deste tipo é impossível ser auto-sustentável.

- Achas que a cultura é um instrumento que melhor facilita a inclusão social?

Eu acho que varia e as metodologias podem ser mistas até... Mas acho que a criatividade é algo importante e muitas vezes a cultura é a ovelha negra, como se fosse menos importante.

Um exemplo, não cotado em bolsa, é o projeto de crianças problemáticas em contexto escolar e que foram integrados no teatro musical da escola o que reduziu o abandono escolar e os comportamentos agressivos. Mas o desporto também pode fazê-lo...

As metodologias têm de ser aplicadas consoante os grupos mas a criatividade é importante de forma transversal. Um empreendedor social tem um pensamento disruptivo, são os irrazoáveis que vêm as coisas de outra maneira e propõe soluções sociais. E isto exige criatividade...

- Achas que é possível incluir sem anular características dos grupos? Sem mainstream? Incluir com a diversidade?

Acho que é possível... Mas na maior parte das vezes não é assim que é feita a inclusão. Acho que infelizmente a maior parte das vezes é feita por aniquilação da diversidade. Mas para isso é preciso incluir os próprios no processo e raramente é feito... Quando se pensa vou incluir a comunidade cigana ou vou incluir a comunidade cabo-verdiana e temos uma série de portugueses a fazer os planos de ação vai com certeza dar mau resultado. Por exemplo numa reunião sobre a inclusão de ciganos um dos pontos era 'conseguir-se comportamentos normalizados' ora eu tive um ataque de nervos... Porque isso mostra o tipo de pensamento que se tem. Se estivesse nessa reunião alguém da comunidade cigana nunca teria saído tamanho disparate! Podemos estar 3 horas a discutir o que são comportamentos normalizados. Isto mostra o tipo de abordagem incorreta que é a tentativa de inclusão social que não o é... é 'normalização' pelos valores ditos 'normais' em sociedade.

- Ao tentar-se incluir não se faz folclore e discriminação positiva? Por exemplo as visitas guiadas a favelas no Brasil... Isso é perverso?

Isso prende-se com outra coisa que é: quando nós construirmos um projeto temos de ter em conta como maximizar impactos positivos e minimizar os negativos. Nós temos de ter muita certeza de que a maneira como estamos a desenhar um processo não vai criar mais impactos negativos que positivos. Isso passa por ver o processo de uma forma holística envolvendo todos os *stakeholders* e ter visões multidisciplinares.

Por exemplo eu faço investigação sobre tráfico também, e quando fui ao Brasil percebi que o desenvolvimento urbanístico estava a criar grave problemas de tráfico humano. Porquê? Porque quando se abrem novos caminhos para algo que tem de estar pronto em 3 meses veem vítimas de tráfico... Isto é um exemplo claro de que um processo que parece ser normal e

positivo pode trazer impactos negativos que não foram acautelados. Se tivessem sido envolvidos todos os *stakeholders* isso teria sido identificado.

- São a Cultura a arte e a criatividade excelentes ferramentas para mostrar outros mundos?

Sem dúvida! Por exemplo as pessoas quando vão a uma exposição de arte e vão ver Vang Gogh começam a perceber melhor o estrangeiro que está por detrás daquela arte e que sem esse estrangeiro não haveria essa riqueza. Eu conheço uma associação, que infelizmente não resistiu à crise, e que faziam mostras de arte com artistas dos PALOPs e que dissolveu muitos dos preconceitos porque mostra através do quadro ou escultura a beleza da pessoa por detrás da arte. A Arte leva as pessoas ao fascínio pelo objeto com isso liga-a ao ser humano, estrangeiro, que a produziu atribuindo-lhe valor. Quebrar comportamentos violentos e estereotipados e ver a beleza por de trás da obra. Infelizmente às pessoas em geral só chegam os aspetos negativos. Infelizmente, nos media, só falam do assaltante ‘negro’ e nunca dizem quando é branco, quase agredindo o estrangeiro... E afinal 89% dos reclusos nas cadeias são portugueses! Portanto temos de promover as coisas boas. E fazê-lo através das pessoas, da personalização do ser humano, e a arte é aqui importante. A arte liga emocionalmente particularizando a pessoa que é estrangeira.

Muito Obrigada!

#### **ANEXO F – Entrevista a Ana Moreira membro dirigente da SOS Racismo:**

- Ana, tens muita experiência na inclusão da comunidade cigana?

Sim. Coordenei no terreno o projeto Interligar vocacionado para a comunidade cigana.

- O que nos podes contar da experiência?

Para melhor trabalhar nessa comunidade, é importante ganhar-se a confiança dos pais. São instrumentos importantes a intervenção pelo desporto, intervenção artística e o apoio escolar. Nota que os ciganos têm uma visão negativa da escola e, na minha opinião têm razão! A escola de hoje é uma ‘seca’ que todos temos de ‘engolir’... É preciso mudar a escola! Mas, à parte disso, o que percebi é que os técnicos sociais que não os conhecem e não estão abertos a novos mundos não percebem a comunidade cigana e o trabalho que fazem é aliciar com subsídios o que os tornou subsídio dependentes. Existe uma resposta, da comunidade cigana, pela agressão que só permanece por medo de intervir... O medo só existe porque se desconhece. Tanto de um lado como do outro... E infelizmente não há políticas públicas de integração do cigano, há perseguição, habitação social e subsidiodependência.

Os próprios técnicos sociais não estão preparados para intervir. Eu, por exemplo, prefiro trabalhar com pessoas não formadas na área social porque veem menos formatadas e mais abertas.

Por outro lado, tem funcionado bem a ideia dos mediadores que coloca pessoas da comunidade cigana a mediar os diálogos entre dois ‘mundos’ distintos.

- Como achas que estamos ao nível da inclusão social em geral?

De uma forma geral, há a hipocrisia da integração que coloca os mais vulneráveis em guetos disfarçados. Um exemplo disso é o ‘reconhecido’ projeto de integração no lumiar que o que faz é dar excelentes condições para os mais ricos e colocar os mais pobres num ‘canto’ fechado onde não atrapalhem muito...

Por outro lado acho que é preciso mais e melhor formação dos técnicos e melhores políticas públicas. Confesso que não gosto muito dos festivais de culturas que para mim são folclores de cultura que, ok, apresentam as culturas mas não resolvem na realidade as questões centrais... Mas sou a favor da discriminação positiva. Acho que pode ser necessária numa fase inicial de combate a determinado tipo de discriminação e até que a inclusão aconteça ‘espontaneamente’ na sociedade. Exemplos: cotas para mulheres, etc.

## **ANEXO G - Entrevista a Graça Fonseca, Vereadora para a Economia e Inovação na CML**

- Quais são os projetos em Lisboa neste momento no âmbito das Indústrias Culturais e Criativas e algumas dessas indústrias têm enfoque na inclusão social?

As criativas são muito a interceção de várias atividades e de agregação de vários negócios. É preciso perceber isto... As criativas hoje em dia são muito a interceção entre a cultura e a economia. Em muitos países as indústrias criativas, por exemplo olhando para as 5 áreas que pesam pelas performativas mas também pelas tecnologias da informação por exemplo, são áreas que têm uma banda relativamente larga, em muitas cidades hoje em dia a aposta nas criativas é fundamental do ponto de vista económico. Portugal ainda não deu esse passo, aqui em lisboa o que nós temos procurado fazer é precisamente juntar uma área da cultura e uma área da economia, que estão atribuídas a duas pessoas diferentes. Neste caso a mim, Vereadora da economia e inovação, e à Vereadora da cultura, e o que se pretende é tentar precisamente fazer que essa ligação tenha impacto económico importante naquilo que é a economia da cidade.

(...)

- E quanto à Economia Social?

Já lá vou... ora bem todos estes projetos têm uma dimensão cultural, uma dimensão económica e podem e devem ter também uma dimensão social... porque a dimensão social nós procuramos que esteja integrada em projetos transversais e que procurem ter uma lógica integrada entre eles. A Mouraria é um bom exemplo mas podemos dar outros. Há vários projetos de economia social ligados à manufatura (de malas, objetos diversos) daquela manufatura que nós, os mais novos já não sabemos fazer. E de fato das coisas que estamos a tentar fazer... Há algum tempo atrás conheci um projeto muito interessante de uma arquiteta que utilizando materiais reciclados construía candeeiros e fazia-o com os mais idosos ou os mais sábios digamos assim, que tinham essa arte, e que depois as peças eram vendidas. Era um projeto portanto de inclusão de pessoas inativas que de certa forma passaram a se relacionar com pessoas da comunidade...

- O que é que considera na área de Lisboa um projeto relevante de economia social, com resultados e sustentável no futuro? Consegue ver algum caso?

É difícil... nos últimos anos não se preocupou muito com economia nem social nem não social a economia funcionou por si própria porque era a economia do país... Todos nós começámos a perceber que era necessário uma estratégia própria com um foco qualquer do ponto de vista económico. E isso de fato foi um esforço que iniciado há dois anos e meio, mais ou menos, isto foi muito claro para o empreendedorismo, foi muito focado no fundo em descobrir o que é que Lisboa tem de único no plano global com outras cidades e regiões, fundamentalmente aquilo que nos distingue... as cidades competem entre elas, ganhando ou não ganhando com base naquilo que as distingue. (...)

Lisboa é uma cidade de bairros, e nos bairros existem uma série de projetos promovidos por associações locais e que tem uma enorme capacidade de mudar a vida das pessoas. Trata-se de um bocadinho pegar nesses projetos que são sustentáveis porque já têm uma dinâmica própria, e torna-los subjacentes à cidade.

Atribuir-lhes uma verba por ano para quem se candidatar. Muitos ligados à economia social. Projeto interessante desse ponto de vista. O projeto Mouraria-Intendente trabalha numa lógica de federação que une vários projetos que trabalham em conjunto e têm uma verba muito relevante para ações sociais, formações, ações de empreendedorismo, no fundo fazer a reabilitação do espaço público, a reconversão das pessoas ou seja a forma como as pessoas se vêm a si próprias quer a nível individual quer de bairro, deixar de ser uma comunidade estigmatizada, mudar a perceção das pessoas lá dentro. O espaço físico, a reabilitação do espaço público e a forma como as pessoas se vêm a si próprias mudou completamente, hoje

em dia se for agora a programação de verão e se for aos festivais da mouraria estão milhares de pessoas e as pessoas já lá vão.

(...)

- Richard Florida fala dos 3Ts de que forma aqui na tolerância fala-se muito da integração, como é que integramos os que têm menos competências ou que não têm um talento particular, por exemplo os mais velhos, ou os emigrantes com menos qualificações?

Todos temos talentos. Na mouraria está talvez o único Sr. que recupera máquinas de costura antiga. Isto é um talento único. Hoje em dia o talento não está ligado a um curso superior mas em ter uma arte e poder desenvolver-la. Na mouraria encontra talentos... O talento dos que cantam o fado e fazem visitas guiadas. Em alfama com o 'prémio do fado' há mais oportunidades para quem quer gravar, novos artistas, mais visibilidade, mais procura, um conjunto de dinâmicas que vem a seguir... Não há os sem talento e os com talento. Todos têm talento e não é exclusivo aos que têm formação. Os que as cidades têm de fazer e descobrir os talentos e fazer com que estes se transformem em algo real para a cidade.

(...)

- Considera que a cultura a arte e a criatividade são ferramentas de eleição para a inclusão?

Sim, sem dúvida... Se alguém tem uma capacidade de manufatura, canto ou outra arte isto deve ser aproveitado. A inclusão deve ser natural ou seja deve ser feita através de um talento ou uma arte que a pessoa tem. Se conseguirmos isso terá a melhor chave de sucesso...

Por exemplo as universidades para seniores conseguem aproveitar talentos de pessoas que estavam sozinhas que agora se sentem uteis, fazendo parte de um coro, a ensinar os mais novos, etc. Aproveitar um talento é a melhor forma de garantir o sucesso.

- Nas ICCs o emprego é por norma precário?

Não é uma característica exclusiva das áreas culturais e criativas. Nas culturais existem um tipo de precaridade própria que está relacionada com a forma como o financiamento é feito, na minha opinião. Enquanto esse tipo de financiamento existir é quase impossível não haver precariedade... na minha opinião.

Também, na minha opinião, as indústrias culturais sempre se viram insuficientemente a si próprias como indústrias económicas. E acho que isto é algo que está a pesar e acho que as próprias indústrias culturais vão acabar por perceber que eles têm e sempre tiveram um papel

muito próprio do ponto de vista da economia do País. Também é evidente que o poder público perceba que estas indústrias culturais são importantes para a economia.

Muitas cidades as indústrias culturais são um ator económico que atraem pessoas, que provocam consumo e são um agente económico. Tem de haver uma mudança de paradigma...

- Não concorda com o financiamento?

Acho que é importante o financiamento, percebo quem defende que as indústrias culturais não podem ser rentáveis, não quer dizer que concorde, precisamente esse é o paradigma em que temos vivido. O que eu defendo é tem de ser financiado não na lógica do apoio mas baseado no suporte económico. Tem de ser considerado quer do ponto de vista estruturante da atividade cultural quer do ponto de vista do país e da atividade económica.

Bons teatros municipais, música ao ar livre que fazem com que mais pessoas venham, tem de ser considerado como actividade económica.

- O ponto de partida é importa na construção do futuro?

Eu acho que este período vai resultar muito ou não na capacidade de muitas pessoas conseguirem dar a volta. Em situações de crise em alguns contextos são dramáticas mas com confiança as pessoas conseguem dar a volta. Por exemplo pessoas que pedem a antecipação dos subsídios para montarem empresas... Quando olhamos para trás percebemos o que distingue regiões onde as pessoas conseguem fazer esse upgrade. A minha geração fez um upgrade maior que a dos meus pais... Portugal fez muito esse crescimento. Neste momento temos a geração mais qualificada dos últimos 40 anos e não sabemos se isso vai traduzir em progressão e em vantagens qualitativas.

- Se eu quiser amanhã abrir um negócio social no setor das ICCs, o que me indicaria como uma grande oportunidade?

A Manufatura. É uma área com enorme potencial.

Muito Obrigada!

#### **ANEXO H - Entrevista a Margarida Pedro Associação TESE:**

- Relativamente a um estudo desenvolvido pela TESE entre 2008-2009 para medir carências em Portugal:

- Que necessidades sociais foram detetadas?

UI! Ficávamos aqui uma semana a falar... Por exemplo que 60% da população empregada não conseguiu tirar uma baixa médica (entre 2008 e 2009), porque seria impensável. Muitos não compram todos os medicamentos necessários. Também detetámos que, embora os portugueses no nosso estudo apresentassem níveis elevados de satisfação e felicidade, existe uma falta de confiança nas instituições e nos outros com impactos em termos de vinculação.

Para além deste inquérito nacional fizemos estudos de casos em que incidimos o nosso olhar sobre grupos emergentes mais vulneráveis, a que designámos as famílias sandwich... Que são famílias que estão num 'patamar' em que os seus níveis de rendimentos não lhes permitem obter um conjunto de apoios sociais mas contudo não tem dinheiro suficiente para fazer face às necessidades diárias (pagar contas, cuidar dos filhos) e são muitas as que veem de um agregado familiar que ganha 900€ e que estão a ser pressionadas com a crise.

- Esse estudo é de quando?

Foi iniciado em 2008 e terminou em 2009, publicado em 2010...

Claramente estas condições estão a ser agravadas. Para além das famílias sandwich temos os trabalhadores sobre-ocupados que trabalham mais de dez horas por dia, (pelos vistos muito comum), e que fomos avaliar todos os impactos nas suas vidas; a situação dos idosos em isolamento- e isolamento não é só uma questão territorial mas um isolamento social e afectivo- muitos encontram-se fechados em prédios sem conseguir descer as escadas para fazer face às suas necessidades ou sair à rua. Também os adultos em trânsito de formação, isto vem na sequência do programa novas oportunidades em que se criou o acesso a oportunidades em termos formativos mas depois fomos comparar as expectativas que as pessoas tinham, com as qualificações adicionais, e no que é que isso se traduzia nas suas vidas...

- E as expectativas eram alcançadas? Traduzia-se em algo relevante nas suas vidas?

Não. Havia um pequeno desfasamento... De facto não havia grande resposta no mercado depois. Conseguiam fazer qualificações mas depois disso não se repercutia em termos do seu percurso profissional.

- Que necessidades identificaram que actuações?

Nós identificamos 4 grandes eixos de recomendações com divisões (recomendações para o publico, recomendações para o privado) e com ações muito específicas. Fomos buscar boas práticas e bons exemplos a nível internacional e nacional para se poder dar resposta ou aquela recomendação ou aquela prática, e dentro destas 4 grandes recomendações, vai muito para as questões mais materiais, relacionadas com a questão da paridade dos rendimentos, os aumentos do rendimento que hoje em dia não se pode falar, mas também temos

recomendações na área da capacitação do indivíduo, não para se chegar ao que agora está muito na moda- o empreendedorismo- mas de competências mais de desenvolvimento pessoal que depois se traduzem numa maior activação para se fazer face às necessidades reais.

E entra também aqui os projetos que a TESE desenvolve com jovens, que já estavam desenhados mas que ganhou cada vez mais sentido. É sem dúvida isso que os dois projetos que temos para jovens fazem. Com metodologias que nós acreditamos que têm um impacto muito grande, nomeadamente com o coaching e o mentoring, o primeiro tem como função por o indivíduo ao comando da sua própria vida num caminho de auto-responsabilização em que de facto percebemos o que está dependente de nós, (porque nem tudo está e não precisamos de carregar esse peso nos ombros), e que recursos podemos utilizar para concretizarmos o nosso plano de ação. O mentoring aumenta a rede de contactos e aproxima os jovens das áreas que querem.

Idealmente para se aproximarem da sua área profissional ou então para que o jovem possa por as mãos na massa e para ter a certeza que é mesmo aquilo que quer seguir.

Muito Obrigada!

### **ANEXO I- Entrevista a Pedro Moreira, Director de Programação Cultural, EGEAC, Empresa de Gestão de Equipamentos e Animação Cultural**

- A inclusão social compreende uma dimensão económica, social e cultural/simbólica. Considera que a Cultura e a Arte são ferramentas de eleição na articulação destas 3 dimensões? Porquê? Que outras ferramentas com o mesmo alcance?

De facto a Cultura/Arte possui um papel de relevo, permitindo uma articulação entre as componentes mencionadas. Esta relevância resulta da capacidade que a componente cultural dispõe de formação de riqueza nas suas mais diversificadas vertentes: a económica, via rentabilização dos recursos humanos que nela desenvolvem a sua actividade, bem como pela capacidade que dispõem em gerar receitas próprias (dado que muitas das suas iniciativas são verdadeiros produtos transacionáveis, daí também se falar em produto cultural. Por outro lado a supramencionada capacidade de gestão de recursos humanos permite igualmente enfatizar a vertente social, constituição de emprego, rentabilização de inserção de grupos minoritários e desprotegidos, entre outros, destaque-se neste caso o factor do Associativismo/Colectivismo ainda presente na veia cultural.

- Que oportunidades e desafios apresentam as Indústrias Culturais e Criativas (ICCs) para a área da inclusão social?

Se contemplarem um diálogo entre a possibilidade de partilhar de valências, saberes, conhecimentos, as Indústrias Culturais e Criativas poderão surgir como verdadeiros suportes que possibilitem um diálogo constante entre especialistas e minorias, permitindo igualmente o estabelecimento de projetos comuns, com fins partilhados que possam gerir uma inclusão dos vários elementos da sociedade, integrando-os e enriquecendo-os, conferindo-lhes motivação e formação adequada.

- Acha possível conseguir-se bons resultados na inclusão de todos sem amputar, colonizar ou anular características culturais das minorias?

Sim, penso ser possível a inclusão de todos e a obtenção de bons resultados. Esse sucesso decorre sempre da estratégia que se venha a definir: ou seja trabalhar com e não trabalhar para, isto é, os projetos deverão ser construídos em conjunto e não decorrerem de uma imposição de características, valores e/ou tendências.

Se existir esse diálogo conjunto será possível levar a um bom porto e incluir com bons resultados as especificidades das características culturais das minorias.

- Richard Florida fala dos 3 T's das cidades criativas (Tolerância, Tecnologia e o último o Talento). Como é que as Indústrias Culturais e Criativas na era da economia do conhecimento inclui os menos competentes e/ou com menor conhecimento (digital, linguístico, etc)?

Quando os projetos são construídos com uma finalidade e objectivo comum é possível desenvolver os mesmos numa vertente conjunta, trabalhando e integrando os que possuem menos capacidade e/ou conhecimento, pois o saber nestes casos passa a ser partilhado perante a integração dos supracitados elementos nas tarefas organizativas e/ou mediante as ações normais de formação.

- Como é que as ICCs promovem a inclusão de TODOS sem gerar novas formas de exclusão, marginalização ou discriminação positiva? É possível fazê-lo?

Uma vez mais reforço que o bom sucesso decorre da estratégia e/ou objectivo que venha a ser desenhado. Para o efeito os projetos e/ou ações que venham a desenvolver-se e/ou concretizar-se deverão sempre ter um carácter duradouro, ou seja de continuidade. Não se pode pensar em atingir bons resultados se trabalhar-se em termos de uma visão redutora e do curto prazo. Com estas premissas a inclusão será bem sucedida.

- Poderão as Indústrias Culturais e Criativas com enfoque na inclusão social serem sustentáveis findo o eventual financiamento? Que casos conhece?

Se o paradigma e a arquitetura de elaboração dos projetos forem elaborados desde o princípio considerando o objectivo de sustentabilidade poderão prever a sobrevivência dos mesmos

findo o seu financiamento. Deverá existir sempre uma estratégia de continuidade e de uma abordagem futura que possibilite que uma ou mais vertentes do projecto preveja a obtenção de receitas que contrabalance as áreas que produzam apenas despesa.

Não estou habilitado para mencionar exemplos.

- Quais os erros, maus hábitos ou tendências negativas mais comuns nos processos e projetos de inclusão?

Penso que o pior reside no carácter e no objectivo de obtenção de resultados a curto prazo. Os projetos deverão ser sempre encarados numa perspetiva de continuidade, persistência, permitindo com o tempo firmarem-se, sedimentarem-se e começarem a apresentar resultados. Existe muito a política de um financiamento a curto prazo que não possibilita que um projecto desenvolva as várias faces do seu processo, morrendo pouco depois.

- Há avanços ou retrocessos na inclusão em Portugal? Porquê? Que soluções? Que negócio dentro das áreas culturais e criativas pode responder às actuais necessidades de inclusão em Portugal? O que falta fazer?

Normalmente as áreas culturais, pela sua heterogeneidade e multiculturalismo inerente, permitem um grau de inclusão maior. A veia artística sobrepõem-se às barreiras étnicas e/ou outras. Naturalmente existe ainda um percurso muito longo a percorrer para que se atinjam situação quase perfeitas, sobretudo pela necessidade de se entender o OUTRO, respeitar as suas tradições e cultura. Nesta situação a componente cultural tem permitido avanços significativos, pois tem possibilitado, na sua maior parte das vezes, o encontro de culturas e o conhecimento de povos.

#### **ANEXO J- Entrevista a Rita Fortunato Baptista, Presidente da Associação das Comunidades Autofinanciadas (ACAF)**

- A inclusão social compreende uma dimensão económica, social e cultural/simbólica. Considera que a Cultura e a Arte são ferramentas de eleição na articulação destas 3 dimensões? Porquê? Que outras ferramentas com o mesmo alcance?

Sim. Porque esta articulação acontece no seu melhor quando é algo que liga as pessoas, às suas paixões, identidade e desenho de futuro e a Arte tem esse grande potencial. Assim porque é algo que pode servir de reflexão mas também muito pratica, com outputs concretos e visíveis. O desporto é outra ferramenta semelhante.

- Que oportunidades e desafios apresentam as Indústrias Culturais e Criativas (ICCs) para a área da inclusão social?

Oportunidades de ligar paixões a tendências e necessidades de mercado, do qual podem resultar projetos de desenvolvimento de capacidades, emprego e ligação de pessoas e comunidades.

- Acha possível conseguir-se bons resultados na inclusão de TODOS sem amputar, colonizar ou anular características culturais das minorias?

Acho possível, é apenas necessário ter a disponibilidade e sensibilidade para tal. E criar espaços onde a relação intercultural é mais importante – e daí a relevância de cada cultura em específico.

- Richard Florida fala dos 3 T's das cidades criativas (Tolerância, Tecnologia e o último o Talento). Como é que as Indústrias Culturais e Criativas na era da economia do conhecimento inclui os menos competentes e/ou com menor conhecimento (digital, linguístico, etc)?

Deve-se ter em primeiro lugar a responsabilidade de dar oportunidade a todos de desenvolverem as competências que não têm. Mas também rever as nossas definições de competência e de talento, já que há muita experiência e conhecimento alternativo que pode ser tao importante como o considerado normal. Por exemplo, os grandes empreendedores de Portugal ainda são pessoas sem licenciatura que têm uma visão, instinto e experiência que supera muitos conhecimentos técnicos de gestão.

- É muito promovida a ideia de que a condição económica e cultural e social depende de cada um e da atitude do individuo. A posição social de cada um é resultado das suas escolhas. Podemos de facto afirmá-lo ponto de fora as condições de 'partida' ou seja as condições das famílias de origem dos sujeitos? A quem interessa a promoção desta ideia?

Depende muito do contexto onde se nasce. Acho que no contexto europeu isso é bem mais verdade que num contexto africano, por ex. As oportunidades são maiores e mais igualitárias e assim podemos mudar o ponto de partida. Quase qualquer criança em Portugal tem acesso a educação gratuita e de qualidade, no entanto, a situação onde vivemos e de família tem obviamente influência do mundo e alternativas que conhecemos e que achamos normais.

Muito Obrigada!